

**ESTUDO CORRELACIONAL SOBRE AUTOEFICÁCIA E *BURNOUT* NO
TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR**

PRISCILE BERNARDINI

**ESTUDO CORRELACIONAL SOBRE AUTOEFICÁCIA E *BURNOUT* NO
TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR**

PRISCILE BERNARDINI

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Prof^a Dr^a Camélia Santana Murgó

371.1
B523e

Bernardini, Priscile.

Estudo correlacional sobre autoeficácia e *Burnout* no trabalho docente no ensino superior / Priscile Bernardini. -- Presidente Prudente, 2017.
103 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Presidente Prudente, SP, 2017.

Bibliografia.

Orientador: Camélia Santana Murgo

1. *Burnout*. 2. Autoeficácia. 3. Ensino Superior.
4. Docente. I. Título.

PRISCILE BERNARDINI

**ESTUDO CORRELACIONAL SOBRE AUTOEFICÁCIA E *BURNOUT* NO
TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 29 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Camélia Santana Murgo
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE
Presidente Prudente - SP

Prof. Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE
Presidente Prudente - SP

Prof. Dr. Daniel Batholomeu
Universidade Salesiana - UNISAL
Americana - SP

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista ao meu amado pai, que tanto vibrou ao saber da minha aprovação no mestrado, mas que infelizmente não estará aqui presencialmente para vê-lo concluído. Você sempre foi e será minha grande inspiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me possibilitar realizar este sonho a tanto acalentado. Agradeço a minha família, que sempre me deu apoio e incentivo, especialmente à minha mãe, sempre tão carinhosa, e que nos últimos meses foi meu suporte e estrutura necessários para que eu pudesse me dedicar e seguir em frente. Agradeço ainda ao meu namorado Rodrigo, meu grande parceiro e companheiro, que teve muita paciência e soube entender meus momentos de introspecção.

Porém este trabalho só foi possível graças ao apoio de duas pessoas fundamentais: minha amiga Débora, que desde o projeto de inscrição à dissertação final sempre me incentivou e me respaldou, e minha orientadora Camélia, a todo tempo tão gentil e prestativa, sendo um grande exemplo do que eu quero vir a ser um dia.

“[...] Cada um de nós compõe a sua história

Cada ser em si

Carrega o dom de ser capaz

E ser feliz [...]

RESUMO

Estudo correlacional sobre autoeficácia e *Burnout* no trabalho docente no ensino superior

A Síndrome de *Burnout* é definida como Síndrome do Esgotamento Profissional, um fenômeno psicossocial relacionado à situação laboral, associada ao surgimento de problemas psicológicos e físicos, afetando principalmente docentes. Outro construto pesquisado na educação é a autoeficácia, que quando discutida na profissão docente, refere-se ao quanto o professor acredita que pode realizar as tarefas ligadas ao sucesso acadêmico dos alunos e também lidar com barreiras e obstáculos. Esta dissertação constituiu-se de três estudos e pretendeu verificar as possíveis associações entre Autoeficácia e *Burnout* em professores do ensino superior. Os estudos I e II se referem a levantamentos bibliográficos cujos enfoques foram respectivamente analisar a produção científica nacional sobre a Síndrome de *Burnout* em docentes brasileiros e a Autoeficácia no trabalho docente fundamentada na Teoria Social Cognitiva. No terceiro estudo foram investigadas as possíveis correlações entre as crenças de Autoeficácia e a Síndrome de *Burnout* em professores do ensino superior. A partir do primeiro estudo foi possível verificar que a maioria das publicações se propôs a avaliar a incidência da Síndrome de *Burnout* nos docentes. Para tal foram utilizadas escalas internacionais, sendo recomendada a criação e validação de uma escala nacional para medir a incidência de *Burnout* que considere a realidade brasileira dos professores. Observaram-se ainda as tentativas de levantar as causas da Síndrome de *Burnout* através de estudos correlacionando-a a outros constructos e variáveis. Os resultados do segundo estudo mostraram que há uma prevalência de artigos buscando avaliar a autoeficácia em docentes principalmente associando-a a satisfação e desempenho, além de fatores relacionados ao contexto educacional. Encontrou-se apenas um estudo investigando as implicações da autoeficácia no adoecimento docente, fundamental na prevenção e intervenção na saúde do professor. Portanto, evidencia-se a necessidade de novos estudos e discussões sobre a autoeficácia no contexto acadêmico, pois a temática ainda é pouco explorada principalmente no nível superior, a fim de melhor compreender o papel das crenças de autoeficácia nos ambientes educacionais. Os resultados do terceiro estudo indicaram a prevalência da Síndrome de *Burnout* em 41,6% dos docentes, afetando em maior proporção as mulheres e docentes com menor escolaridade, refletindo diretamente no aumento de afastamento do trabalho por doença, visto que professores com prevalência de *Burnout* apresentam maior cansaço, distúrbios do sono, dores de cabeça e dores musculares no pescoço, ombro e dorso, assim como maior incapacidade de relaxar, além de demonstrarem grande desânimo, impaciência e irritação. Verificaram-se ainda crenças de autoeficácias fortalecidas, porém cansaço intenso, distúrbios do sono e desânimo estão relacionados com a percepção da Autoeficácia, ou seja, quanto menor a autoeficácia percebida, maior a prevalência destes sintomas. Foi possível determinar associações significativas entre a presença de *Burnout* e a Autoeficácia, assim como correlações inversas moderadas entre a Autoeficácia docente e *Burnout*, indicando que quanto menor a autoeficácia percebida, maior a propensão ao *Burnout*.

Palavras-chave: *Burnout*. Autoeficácia. Educação. Ensino Superior.

ABSTRACT

Correlational study about Self-efficacy and Burnout in teacher's work in higher education

The Burnout Syndrome is defined as Professional Exhaustion Syndrome, a psychosocial phenomenon directly related to the employment situation, of extreme relevance, because it is associated with the emergence of psychological and physical problems, affecting professionals from different areas, mainly teachers. Another point that has equally been raising questions in education researchers is self-efficacy, which when discussed in the teaching profession, refers to how much the teachers believe they can accomplish the tasks connected with academic success of students, and also deal with barriers and obstacles. This dissertation consisted itself of three studies and sought to verify possible associations between Self-Efficacy and Burnout in higher education teachers. The studies "I" and "II" refer to bibliographic surveys whose approaches were respectively to analyze the national scientific production about Burnout Syndrome in Brazilian teachers and Self-efficacy in teaching work based on the Cognitive Social Theory. In the third study were investigated the possible correlations between the beliefs of Self-efficacy and Burnout Syndrome in higher education teachers. From the first study it was possible to verify that the majority of the publications proposed to evaluate the incidence of Burnout Syndrome in the teachers. For such, international scales were used for this purpose and it is recommended the creation and validation of a national scale to measure the incidence of Burnout that considers the Brazilian reality of teachers. Also was observed the attempts to raise the causes of Burnout Syndrome through studies, correlating it with other constructs and variables. The results of the second study showed that there is a prevalence of articles seeking to evaluate self-efficacy in teachers, mainly associating it with factors related to their satisfaction and performance, besides factors related to the educational context. Only was found a study investigating the implications of self-efficacy in teacher illness, a fundamental factor in prevention and intervention in teacher health. Therefore, there is a need for new studies and discussions about self-efficacy in the academic context, since the subject is still little explored, mainly at the high level education, in order to better understand the role of beliefs of self-efficacy in educational environments. The results of the third study indicated the prevalence of Burnout Syndrome in 41.6% of teachers, affecting to a greater extent women and teachers with lower educational level, directly reflecting the increase in sick leave, since teachers with a prevalence of Burnout show greater fatigue, sleep disturbances, headaches and muscle aches in the neck, shoulder and back, as well as greater inability to relax, in addition to show great dismay, impatience and irritation. Stronger self-efficacy beliefs were also observed, but intense fatigue, sleep disturbances and despondency are related to the perception of Self-efficacy, that is, the lower the self-efficacy perceived, the greater the prevalence of these symptoms. It was possible to determine significant associations between the presence of Burnout and Self-efficacy, as well as moderate inverse correlations between Teaching Self-efficacy and Burnout, indicating that the lower the perceived self-efficacy, the greater the Burnout propensity. It is hoped that studies with this purpose may contribute with explanations that favor the recognition of the interferences of the beliefs of self-efficacy in the teaching work.

Keywords: Burnout. Self-efficacy. Education. Higher Education.

LISTA DE SIGLAS

BDTD	– Banco Digital de Teses e Dissertações
BVS-PSI	– Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil
Capes	– Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CAAE	– Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CBP-R	– <i>Cuestionario de Burnout Del Profesorado</i>
CEP	– Comitê de Ética em Pesquisa
CESQT	– <i>Cuestionario para La Evaluacion Del Síndrome de Quermarse por El Trabajo</i>
DE	– Despersonalização
EAD	– Ensino à Distância
EE	– Exaustão Emocional
IBICT	– Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	– Instituição de Ensino Superior
ISSL	– <i>Inventário de Sintomas de Stress para Adultos</i>
MBI	– <i>Maslach Burnout Inventory</i>
LILACS	– Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MG	– Minas Gerais
PB	– Paraíba
Pepsic	– Periódicos Eletrônicos em Psicologia
RP	– Realização profissional
Redalyc	– Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribel
RS	– Rio Grande do Sul
SB	– Síndrome de <i>Burnout</i>
Scielo	– <i>Scientific Electronic Library Online</i>
SP	– São Paulo
SPSS	– <i>Statistical Package of Social Sciences</i>
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE TABELAS

Estudo 1

Tabela 1 – Categorização dos estudos pesquisados de acordo com a Base de Dados Eletrônica, Tipo de Publicação, Categoria de Estudo e Período de Publicação.....	28
Tabela 2 – Categorização das revistas onde os estudos pesquisados foram publicados.....	29
Tabela 3 – Categorização dos objetivos propostos nos estudos pesquisados.....	30
Tabela 4 – Categorização do estudo das correlações de <i>Burnout</i> com outros construtos e variáveis nas publicações pesquisadas.....	33
Tabela 5 – Categorização dos instrumentos e escalas utilizados nos estudos de incidência de <i>Burnout</i> das publicações pesquisadas.....	36
Tabela 6 – Categorização de acordo com o tipo de instituição e nível escolar de atuação dos professores pesquisados nas publicações encontradas.....	38

Estudo 2

Tabela 1 – Categorização das publicações encontradas relacionadas à Autoeficácia Docente de acordo com tipo de estudo, objetivo, nível de ensino, idioma, implicações e principais autores.....	50
---	----

Estudo 3

Tabela 1 – Categorização dos professores pesquisados de acordo com sexo, faixa etária e estado civil	66
--	----

Tabela 2 –	Categorização dos professores pesquisados de acordo com grau de escolaridade, área de formação e tipo de instituição de atuação.....	67
Tabela 3 –	Incidência de <i>Burnout</i> de acordo com as dimensões Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Profissional, presença ou ausência e gravidade de <i>Burnout</i> dos docentes do ensino superior.....	72
Tabela 4 –	Associação das características sociodemográficas com a presença de <i>Burnout</i> em docentes do ensino superior.....	73
Tabela 5 –	Associação das características profissionais com a presença de <i>Burnout</i> em docentes do ensino superior.....	74
Tabela 6 –	Associação de aspectos de saúde e bem estar com a presença de <i>Burnout</i> em docentes do ensino superior.....	75
Tabela 7 –	Associação dos sintomas físicos, comportamentais e emocionais mais prevalentes com a presença de <i>Burnout</i> em docentes do ensino superior.....	78
Tabela 8 –	Incidência de Autoeficácia de acordo com a classificação alta, média e baixa e as dimensões Intencionalidade da Ação e Manejo de Classe dos docentes do ensino superior.....	79
Tabela 9 –	Associação das características sociodemográficas com a com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior.....	80
Tabela 10 –	Associação das características profissionais com a com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior.....	81
Tabela 11 –	Associação de aspectos de saúde e bem estar com a com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior.....	82
Tabela 12 –	Associação dos sintomas físicos, comportamentais e emocionais mais prevalentes com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior.....	83
Tabela 13 –	Associação entre a presença <i>Burnout</i> e com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta Autoeficácia em docentes	

do ensino superior.....	83
Tabela 14 – Correlações entre as dimensões de <i>Burnout</i> Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Pessoal e dimensões de Autoeficácia Intencionalidade de Ação e Manejo de Classe.....	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Nuvem de palavras a partir dos objetivos estudados nas publicações pesquisadas.....	31
Figura 2 –	Nuvem de palavras a partir estudos correlacionais de <i>Burnout</i> com outros construtos e variáveis estudadas nas publicações pesquisadas.....	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Prevalência de Sintomas Físicos apresentados pelos docentes do ensino superior.....	76
Gráfico 2 –	Prevalência de Sintomas Comportamentais apresentados pelos docentes do ensino superior.....	76
Gráfico 3 –	Prevalência de Sintomas Emocionais apresentados pelos docentes do ensino superior.....	77

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
1 ESTUDOS SOBRE SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM PROFESSORES NO BRASIL: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	20
2 A TEORIA SOCIAL COGNITIVA E A AUTOEFICÁCIA DOCENTE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.....	44
3 ASSOCIAÇÕES ENTRE AUTOEFICÁCIA E <i>BURNOUT</i> COM VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E SINTOMATOLÓGICAS DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR.....	61
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
ANEXOS.....	97
APÊNDICE	101

APRESENTAÇÃO

O interesse da pesquisadora pela temática deste estudo foi despertado quando na sua graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina-PR ouviu uma de suas professoras abordar questões referentes ao adoecimento e sofrimento do trabalhador. As asserções da professora de Psicologia Organizacional, principalmente sobre o recém-publicado livro de Wanderley Codo “*Educação: carinho e trabalho*” acerca de tal sofrimento provocaram inquietação e até certa discordância em face da realidade de uma jovem estudante que até então nunca houvera trabalhado, e dessa forma não dimensionava que, ao exercer uma atividade ocupacional, as pessoas pudessem adoecer. Ao contrário, trazia consigo uma representação do trabalho como um meio de realização do indivíduo nas esferas pessoal e profissional.

Ao tornar-se uma profissional, vindo a trabalhar futuramente como professora do ensino superior, a pesquisadora pode observar que diversas variáveis inseridas no ambiente de trabalho eram potencialmente estressoras, causando sofrimento, esgotamento e conseqüente adoecimento em vários colegas de trabalho e em si mesma, tendo em vista os vários sintomas apresentados no decorrer de um semestre letivo, refletidos na queda do desempenho e qualidade das aulas e aumentando em muito o número de faltas, atestados médicos e afastamentos. Desde então, surgiu o desejo de pesquisar mais a fundo o adoecimento em função da situação laboral, percebendo que a temática revelada inicialmente através de Codo era real e principalmente atual.

No decorrer de suas buscas constatou que estas questões já vinham despertando interesse em vários pesquisadores em função da severidade dos sintomas aos docentes e das conseqüências refletidas na educação, e que este quadro tinha como denominação “Síndrome de *Burnout*”, constando inclusive na Regulamentação da Previdência Social no que se referem aos Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais. A Síndrome de *Burnout* é definida como Síndrome do Esgotamento Profissional, um fenômeno psicossocial relacionado diretamente à situação laboral, associada ao surgimento de problemas psicológicos e físicos, afetando profissionais de diversas áreas, principalmente docentes. A prevenção do *Burnout* no trabalho é um dos maiores desafios atualmente devido à sua gravidade sintomatológica, pois afeta diretamente a capacidade laboral gerando

grandes custos organizacionais, rotatividade e absenteísmo de pessoal, afetando a produtividade e a qualidade do trabalho.

Verificou ainda que a docência figurava entre as profissões mais afetadas por *Burnout*, porém havia sido pouco pesquisado no ensino superior, pois acreditavam que professores universitários estariam imunes a tais fatores estressores por fazerem parte de uma elite na educação. Sendo assim, quando surgiu a oportunidade de cursar mestrado em Educação não teve dúvidas de que *Burnout* em docentes no ensino superior faria parte do seu foco de pesquisa.

Ao realizar o levantamento de estudos acerca de *Burnout*, a pesquisadora observou haver outro construto que igualmente vinha despertando indagações em pesquisadores da educação: a Autoeficácia. Esta, quando discutida na profissão docente, refere-se a confiança do professor em relação ao quanto acredita que pode realizar as tarefas ligadas ao sucesso acadêmico dos alunos e também para lidar com barreiras e obstáculos, e sendo assim, a autopercepção de eficácia poderia contribuir na criação de estratégias de enfrentamento da Síndrome de *Burnout*. Dessa forma, englobou o constructo da autoeficácia aos objetivos do seu estudo, visto que o fortalecimento das crenças de autoeficácia tende a ser um poderoso antídoto contra o *Burnout*, devido o seu papel no fortalecimento das estratégias de enfrentamento.

Por isso, acredita-se ser relevante pensar em ações que possam identificar e prevenir o *Burnout* visando o estabelecimento de um contexto mais favorável ao exercício da profissão docente, principalmente aliadas à Teoria da Autoeficácia docente como fator de enfrentamento e prevenção, já que conhecer como seus processos de adoecimento são gerados e mantidos constitui possibilidade de investigação que pode oferecer subsídios para apontar caminhos que proporcionem mudanças efetivas nas condições promotoras do adoecimento no exercício da docência.

Neste sentido, esta dissertação intitulada “Estudo correlacional sobre Autoeficácia e *Burnout* no trabalho docente no ensino superior”, vinculada à Linha de Pesquisa 2 - Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente, do Programa de Mestrado em Educação, pretendeu verificar as possíveis associações entre Autoeficácia e *Burnout* em professores do ensino superior, partindo da hipótese de que as crenças disfuncionais de Autoeficácia podem potencializar os sintomas da

Síndrome de *Burnout* em professores provocando adoecimento e comprometimento do desempenho.

Sendo assim, constituiu-se de três estudos: O primeiro teve como objetivo realizar levantamento bibliográfico das pesquisas publicadas sobre a Síndrome de *Burnout* em docentes no Brasil, a fim de analisar a produção científica nacional do conhecimento sobre o tema nas Bases de Dados Capes, BVS - Psicologia Brasil e BDTD – Banco Digital de Teses e Dissertações. O estudo II pretendeu apresentar os estudos referentes à autoeficácia docente, fundamentados na Teoria Social Cognitiva, seus recortes metodológicos e principais resultados, assim como verificar as implicações da autoeficácia na prática docente. E no terceiro estudo foram investigadas possíveis correlações entre as crenças de Autoeficácia e a Síndrome de *Burnout* em professores do ensino superior, verificar a prevalência de *Burnout* entre os participantes, assim como averiguar as associações entre a existência de *Burnout* e a percepção da Autoeficácia com características sociodemográficas e sintomas físicos, comportamentais e emocionais. Os estudos foram fundamentados a partir da produção de autores como Benevides-Pereira, Carlotto e Palazzo, Volpato, Ferreira e Azzi, Bandura, Codo, Bellico da Costa, Costa e Rocha.

1 ESTUDOS SOBRE SÍNDROME DE *BURNOUT* EM PROFESSORES NO BRASIL: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo realizar levantamento bibliográfico dos estudos publicados sobre a Síndrome de *Burnout* em docentes no Brasil, a fim de analisar a produção científica nacional do conhecimento sobre o tema nas Bases de Dados Portal de Periódicos Capes, Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS-PSI) e Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD). O período de 2005 a 2016 delimitou a busca dos estudos em língua portuguesa com o seguinte descritor: “*Burnout* Professor”. Foram encontradas 48 produções, entre artigos, teses e dissertações. Os resultados demonstraram que a prevalência das publicações refere-se a relatos de pesquisa (81%) estudando a incidência de *Burnout* nos docentes (35%) e a correlação da síndrome com outros constructos e variáveis (20%), principalmente com as condições de trabalho (52%). Para avaliar a incidência de *Burnout* utilizou-se preferencialmente a escala MBI (66%) em docentes advindos principalmente do ensino fundamental (45%) de instituições públicas (81%). Estes estudos foram publicados em sua maioria em revistas de Psicologia (46%) e Educação (31%), porém a maior parte dos estudos (75%) vem de teses e dissertações, sendo que 70% destes estudos foram produzidos a partir de 2010, revelando um momento de ascensão para as pesquisas neste campo.

Palavras-Chave: *Burnout*. Saúde do Professor. Trabalho Docente.

Introdução

O trabalho proporciona identidade ao indivíduo e deveria, portanto, representar independência e realização pessoal, no entanto, as atividades laborais podem se caracterizar como desmotivadoras e desencadeadoras de doenças. Dessa forma, a prevenção do estresse no trabalho torna-se um dos maiores desafios da área da saúde ocupacional atualmente e tem gerado grande interesse e preocupação da comunidade científica e instituições educacionais devido à severidade das consequências, tanto para o indivíduo quanto para as organizações.

Isso, posto, facilmente se presume que conforme afirma Araújo et al. (2005), a categoria docente é uma das mais expostas a ambientes conflituosos e de alta exigência de trabalho, visto que estressores psicossociais estão constantemente presentes e atuando sobre a saúde do professor, revelando que ensinar se tornou uma atividade altamente estressante, com repercussões evidentes na saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores.

Desse modo, Mariano e Muniz (2006) e Reis et al. (2006) comentam que o cenário educativo brasileiro apresenta um quadro bastante problemático no que se refere às questões relacionadas à saúde dos professores e às condições de trabalho. As transformações sociais, as reformas educacionais e os modelos pedagógicos derivados das condições de trabalho dos professores provocaram mudanças na profissão docente. A estrutura social vigente, que privilegia as leis do mercado, também se vê refletida no âmbito educacional, sendo a escola avaliada a partir de parâmetros de produtividade e eficiência empresarial.

O bom desempenho das atividades docentes depende das suas condições emocionais favoráveis, porém Benevides-Pereira et al. (2003) afirma que há no trabalho docente, atualmente, aspectos potencialmente estressores, como baixos salários, escassos recursos materiais e didáticos, classes superlotadas, tensão na relação com alunos, excesso de carga horária, inexpressiva participação nas políticas e no planejamento institucional. Para Carlotto e Palazzo (2006), essa combinação de fatores pode conduzir os professores a um estado de ansiedade, denominado esgotamento docente. Na mesma direção, Gasparini, Barreto e Assunção (2005) defendem que o impacto dos fatores estressores psicossociais persistentes vividos em profissões que requerem condições de trabalho específicas, com grau elevado de relação com o público, como a do professor, podem levar à Síndrome de *Burnout*, sendo que, no Brasil, também é conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional.

A esse respeito, Benevides-Pereira (2003) produziu um estudo sobre o estado da arte em *Burnout* onde relata que Brandley, em 1969, foi o primeiro profissional a utilizar a expressão *staff burn-out*, referindo-se ao desgaste de profissionais e propondo medidas organizacionais de enfrentamento. Porém Ribeiro (2016) menciona que apesar de ter sido inovador ao utilizar o termo inglês "*Burnout*", Brandley não o tornou popular, sendo o termo novamente descrito em 1974 pelo médico psicanalista norte americano Freudenderger através da publicação de seus artigos científicos em 1974, 1975 e 1979, associando-o à estafa ou estresse crônico.

No Brasil a primeira publicação que discorre sobre a síndrome de "*Burnout*" foi em 1987, na Revista Brasileira de Medicina, sendo que na década de 90 as primeiras teses e outros estudos começaram a surgir, até que em 6 de maio de 1996, na Regulamentação da Previdência Social, a síndrome de *Burnout* é

incluída no Anexo B que se refere aos *Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais*. (BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

Note-se que a Síndrome de *Burnout* consiste em uma expressão inglesa para designar aquilo que deixou de funcionar por exaustão de energia. Garcia et al. (2003) a define como sendo um quadro onde se percebe sentimentos de fracasso e exaustão, que resulta em esgotamento e decepção, acompanhada pela perda de interesse no trabalho, principalmente quando esse trabalho exige contato intenso e diário com pessoas.

Outro fato diz respeito ao seu caráter laboral, pois se configura em decorrência de fatores e variáveis relacionadas ao estresse ocupacional sofrido constantemente pelos docentes no exercício de seu trabalho, ou seja, o que caracteriza o *Burnout* é o fato de suas causas estarem diretamente relacionadas ao trabalho, indo além do estresse, que pode ter outras causas senão as laborais. Portanto, o *Burnout* ocorre quando certos recursos pessoais são perdidos ou inadequados para lidar com as demandas que lhes são feitas no contexto do trabalho, ou quando não produzem os resultados esperados, ou seja, quando faltam estratégias de enfrentamento (CARLOTTO e PALAZZO, 2006).

Quanto à caracterização do *Burnout*, há que se considerar a existência de três fatores específicos ao *Burnout*, conforme relatam Lopes e Pontes (2009): exaustão emocional (perda de energia e entusiasmo na prática profissional), despersonalização (tratar de maneira distante os colegas, alunos e todos os envolvidos na instituição escolar o chamado endurecimento afetivo, “coisificação” da relação) e falta de realização profissional (o trabalhador se sente insatisfeito com seu desempenho profissional, avaliando-se de forma negativa).

Conforme mencionado, estudos sobre *Burnout* são recentes e começaram a ser pesquisados e publicados há poucas décadas no Brasil. De acordo Benevides-Pereira (2003), em 1999 a tradução de uma obra de Maslach e Leiter se torna o primeiro livro sobre *Burnout* em idioma português comercializado no Brasil. No mesmo ano, estudos sobre *Burnout* foram realizados e coordenados num livro por Codo (1999), na mais extensa pesquisa de que se tem notícia sobre as relações de trabalho e *Burnout* de uma categoria profissional no Brasil, com duração de dois anos e 52.000 professores de 1.440 escolas da rede pública de ensino localizado nos 27 estados da federação. Verificou-se neste estudo que o *Burnout* instala-se em decorrência do sofrimento psíquico gerado pela dedicação a uma

atividade para a qual não existe uma remuneração adequada, assim como pela desvalorização profissional, a baixa autoestima e a não percepção pelo trabalhador dos resultados do trabalho que desenvolve.

De acordo com Cândido e Souza (2017), os indivíduos afetados pelo *Burnout* estão sujeitos a largar o emprego, investem menos tempo e energia no trabalho, fazendo somente o que é absolutamente necessário e faltam com mais frequência. A queda na qualidade e quantidade de trabalho produzido é o resultado profissional desse desgaste.

Para Volpato et al. (2003), as dez maiores fontes de *Burnout* nos docentes seriam a desmotivação dos alunos, o comportamento indisciplinado dos educandos, a falta de oportunidades de ascensão na carreira profissional, baixos salários, más condições de trabalho (falta de equipamentos e instalações adequadas), turmas excessivamente grandes, pressões de tempo e prazos, baixo reconhecimento e pouco prestígio social da profissão, conflitos com colegas e superiores, além das rápidas mudanças nas exigências de adaptação dos currículos.

O professor, em contato com estas fontes, pode desencadear sintomas emocionais, físicos e comportamentais relacionados à Síndrome *Burnout*. Benevides-Pereira et al. (2003) relata que em função disso, há a ocorrência de sintomas relacionados a exaustão física, psíquica e emocional, trazendo consequências negativas individuais, profissionais, familiares e sociais. Sentimentos como apatia, inferioridade, resignação, infelicidade, depressão, ansiedade são as principais respostas psicológicas encontradas, além de problemas psicossomáticos. Também é possível verificar problemas de saúde, ocasionando aumento do absenteísmo e intenção de abandonar a profissão. Segundo Garcia et al. (2003), professores em *Burnout* sentem-se emocional e fisicamente exaustos, estão frequentemente irritados, ansiosos, com raiva ou tristes, sendo que estes sentimentos podem levá-los a sintomas psicossomáticos como insônia, úlceras, dores de cabeça e hipertensão, além de abuso no uso de álcool e medicamentos, incrementando problemas familiares e conflitos sociais.

Os estudos de Codo (1999) destacam as doenças cardiovasculares, distúrbios advindos do estresse, labirintite, faringite, neuroses, fadiga, insônia e tensão nervosa como outros sintomas decorrentes do *Burnout*, vindo a complementar estas constatações em Codo e Gazzotti (2002), onde afirmam que os principais sintomas são manifestados através de dores de cabeça, dores nas costas,

impaciência e fadiga. Estes resultados são corroborados pela pesquisa de Trindade et al. (2010), no qual os sintomas emocionais e comportamentais mais relatados foram o sentimento de solidão, a impaciência, o desânimo e a desconfiança, tal qual os sintomas físicos, como problemas de coluna e cansaço constante e intenso.

Ainda sobre a sintomatologia da Síndrome de *Burnout*, Cândido e Souza (2017) apresentam os sintomas entendidos através das fases de gravidade de *Burnout*. A fase de aviso é classificada como gravidade fraca em *Burnout*, onde os primeiros sinais são de natureza emocional como ansiedade, depressão, tédio, apatia e fadiga emocional. Já na fase de gravidade moderada em *Burnout*, os sintomas da primeira fase se agravam e trazem consigo outros sintomas físicos, emocionais e comportamentais como distúrbios do sono, dores de cabeça, resfriados, problemas estomacais, dores musculares, fadiga física, irritabilidade, isolamento e depressão. Por fim, na fase da consolidação onde *Burnout* já está em gravidade severa, vivenciam sintomas como fadiga emocional e física, abuso de substâncias como álcool, medicamentos e cigarros, pressão alta, problemas cardíacos, enxaqueca, alergias, problemas de relacionamento, redução de apetite, perda de interesse sexual, ansiedade, choros constantes, depressão e pensamentos rígidos.

Estes sintomas custam caro, tanto para o indivíduo com seu desgaste pessoal, como para a instituição, com consequente perda da qualidade, produtividade e com a redução de seus recursos financeiros, interferindo diretamente no ambiente educacional e na obtenção dos objetivos pedagógicos.

Convém, no entanto, destacar ainda um estudo de outra natureza, referente à análise da produção científica acerca da Síndrome de *Burnout* no Brasil realizado por Carlotto e Câmara (2008) em que procedeu-se à busca bibliográfica nas bases de dados eletrônicas BVS, IndexPsi e *Pepsic* em março de 2007, resultando em 28 artigos. A maior parte dos estudos foi de relatos de pesquisa, tendo as categorias profissionais mais investigadas as de professores e profissionais da saúde, já que diversos estudos (Carlotto e Palazzo, 2006; Benevides-Pereira et al., 2003; Araújo et al. 2005) indicavam que a maior incidência estaria em profissões da saúde e educação, sendo os docentes os maiores atingidos, porém Carlotto e Câmara (2008) alertam que a Síndrome de *Burnout* não tem mais se restringido a profissões ligadas à saúde e à educação, passando a ser considerado um fenômeno

que afeta praticamente todas as profissões, tendo em vista que quase todas possuem algum tipo de contato interpessoal.

Os resultados dessa análise da produção científica indicaram que a maioria das publicações está localizada em revistas da área da psicologia e um menor percentual em áreas afins, por se tratar de um fenômeno psicossocial. No entanto, verificam-se estudos também em revistas de áreas da saúde e educação, demonstrando uma ampliação do interesse em outros campos de conhecimento como a saúde coletiva, que se volta, cada vez mais, para os aspectos psicossociais envolvidos no processo saúde-doença em virtude da existência dos sintomas em diversas profissões.

Em função das manifestações dos sintomas físicos, psíquicos e emocionais levando ao adoecimento docente, assim como as consequências desta síndrome tanto para os docentes como para os alunos e instituições, o interesse pelas pesquisas sobre *Burnout* vem crescendo nos últimos anos. Mais recentemente Freire et al. (2012) realizaram uma pesquisa bibliográfica a fim de analisar a produção do conhecimento sobre a Síndrome de *Burnout* na base de dados *Scielo* no período de 2000 a 2009. Foram encontrados 25 artigos, tendo a maioria por objetivo analisar a prevalência da Síndrome de *Burnout*. Nesta pesquisa os autores identificaram que nos últimos anos os estudos sobre Síndrome de *Burnout* se encontram em ascensão na contemporaneidade, sendo notável o crescimento do número de publicações com o decorrer dos anos. Porém alertam que diante da importância destes estudos para a Saúde Pública é fundamental o desenvolvimento de um número maior de pesquisas sobre suas causas, tratamento e medidas de prevenção para o *Burnout*.

Muitas são as possibilidades de intervenção preventiva ou de reabilitação do *Burnout* no contexto educacional, com ações direcionadas diretamente ao professor. Acerca disso, Volpato et al. (2003) relatam que seria mais interessante investir na prevenção através da redução do desgaste físico, mental e emocional, e principalmente, aumentando as chances de que os professores continuem comprometidos e satisfeitos com o trabalho.

Dessa forma, fica ressaltada então a importância de estudos sobre *Burnout*, suas causas, associações e prováveis consequências em relação à saúde do docente. Portanto, esta pesquisa teve como objetivo realizar levantamento bibliográfico dos estudos publicados sobre a Síndrome de *Burnout* em docentes nos

últimos 10 anos no Brasil, a fim de analisar a produção científica do conhecimento sobre o tema, buscando atualizar os resultados em relação aos demais estudos já realizados, visto que a última revisão foi realizada em 2012, e que ainda há alta incidência de *Burnout* verificada em estudos anteriores, demonstrando que os problemas persistem e que ainda há lacunas sobre o conceito.

Método

Este estudo consistiu numa pesquisa bibliográfica de abrangência nacional, cujo objetivo foi buscar artigos, teses e dissertações sobre o tema Síndrome de *Burnout* em Professores nos últimos dez anos. Esse recorte temporal foi estabelecido a partir dos indicativos encontrados em outros estudos de revisão, como de Freire et al. (2012), que apontaram um crescimento mais significativo de pesquisas sobre a temática a partir de 2005.

Para busca e identificação do material, delimitou-se o período de 2005 a 2016, utilizando como palavra-chave a expressão “*Burnout* Professor” como descritor nas consultas de busca simples às Bases de Dados Portal de Periódicos Capes, Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS-PSI) e Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), considerando-se apenas a produção publicada nestas bases em língua portuguesa. O levantamento bibliográfico foi realizado no período de novembro de 2015 a julho de 2016.

A bibliografia levantada foi escolhida e examinada de acordo com a pertinência em relação ao tema em estudo. Como critério de escolha para inclusão dos estudos utilizados nesta pesquisa, considerou-se apenas aqueles que abordavam a Síndrome de *Burnout* especificamente, sendo que a palavra “*Burnout*” deveria aparecer no resumo, na palavra-chave e nos objetivos do estudo, além de contemplar como público alvo os professores, perfazendo assim como critérios de exclusão pesquisas que abordassem somente o estresse, emoções negativas e mal-estar.

Após a leitura dos resumos foi possível perceber que nem sempre o título da publicação contemplava a palavra “*Burnout*”, porém a pesquisa trazia estudos neste constructo/temática. Dessa forma, optou-se por não excluir estes trabalhos apesar de não a mencionarem no título.

Os estudos encontrados foram categorizados em função do Tipo de Publicação, Nível Escolar Estudado, Tipo de Instituição, Categoria de Estudo, Revistas Publicadas, Correlações, Instrumentos/Escalas, Período da Publicação e Objetivo da Publicação. Após foram organizados em tabelas de categorias de análises, permitindo uma melhor apresentação dos resultados, sendo explicitados também de forma descritiva a partir dos achados da produção científica.

Para maior visibilidade nas informações reveladas nas categorias Objetivos da Publicação e Correlações, bem como confirmar a análise categorizada anteriormente, optou-se por apresentar figura no formato de nuvem de palavras a partir dos dados expostos nos estudos, utilizando-se a ferramenta disponibilizada via web www.wordclouds.com, criando uma expressão visual das palavras do texto, onde o número de ocorrência dos termos no texto analisado sinaliza o tamanho do termo na nuvem, ou seja, em uma visualização, cada palavra tem seu tamanho regido pela relevância através de contagem simples das ocorrências de determinada palavra no texto. Quanto mais citada uma palavra, maior o seu tamanho proporcionalmente às demais palavras citadas.

Resultados e Discussão

Por meio da utilização de estratégias de busca descritas na metodologia, selecionaram-se os estudos que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos para a revisão sistemática proposta. Como resultado da pesquisa encontrou-se um total de 82 estudos, sendo 24 artigos, 20 teses e 38 dissertações, porém apenas 48 atenderam aos critérios de inclusão descritos acima, havendo o descarte de 34 estudos que apareceram indexados em mais de uma base (08 estudos), bem como aqueles que não abordaram o tema específico (26 estudos).

Assim, a totalidade da produção nacional analisada foi de 48 produções, sendo a maior parte advinda da BDTD (60%), seguido da CAPES (23%) e BVS-PSI (17%), conforme Tabela 1. Com relação ao tipo de publicação, verificou-se uma maior concentração em produções advindas de dissertações (48%), seguida por teses (27%) e artigos (25%). Quanto à distribuição da produção por categoria de estudo, percebe-se que foco da maioria das publicações está em realizar relatos de pesquisa (81%), tendo apenas 13% de estudos bibliográficos e 6% de revisões teóricas sobre a temática.

Com relação ao período de publicação, os resultados evidenciaram que 70% dos estudos aconteceram a partir de 2010 até 2016, havendo 5 estudos de 2005 a 2007, porém foram aumentando a partir de 2008, atingindo seu ápice em 2010 com 7 produções, mantendo uma média de 5 publicações nos anos seguintes (2011 a 2015).

TABELA 1 – Categorização dos estudos pesquisados de acordo com a Base de Dados Eletrônica, Tipo de Publicação, Categoria de Estudo e Período de Publicação

Publicação	Nº	%
<i>Base de Dados Eletrônica</i>		
CAPES	11	23
BVS-PSI	08	17
BDTD	29	60
Total	48	100
<i>Tipo de Publicação</i>		
Artigo	12	25
Dissertação	23	48
Tese	13	27
Total	48	100
<i>Categoria de Estudo</i>		
Estudo Bibliográfico	06	13
Relato de Pesquisa	39	81
Revisão Teórica	03	06
Total	48	100
<i>Período da Publicação</i>		
2005 a 2007	05	10
2008 a 2010	17	35
2011 a 2013	16	34
2014 a 2016	10	20
Total	48	100

As publicações sobre *Burnout* nos últimos anos, tiveram um pico em 2010, o que demonstra uma maior preocupação com a saúde docente, revelando um momento de ascensão para as pesquisas neste campo porém parece estar havendo um decréscimo após essa data, justificando urgência para novas pesquisas e atualizações de conceitos. Há, entretanto, um predomínio no número de teses e dissertações (75% dos estudos levantados) se sobrepondo significativamente sobre o número de artigos, mostrando que a produção vem principalmente dos programas de Pós Graduação. Porém o número de estudos por ano no tema ainda é pequeno

frente à severidade dos sintomas e consequências do *Burnout*. Sendo assim, novos estudos se fazem necessários a fim de suprir essa demanda científica.

De acordo com a Tabela 2, percebe-se que as publicações são realizadas principalmente em revistas de Psicologia (46%) e Educação (31%). Porém estudos sobre *Burnout* também foram encontrados em revistas que não são destas áreas, como *Cadernos Saúde Coletiva* e *Revista Brasileira de Epidemiologia*, mostrando que há preocupação de outras áreas com a temática do adoecimento docente.

TABELA 2 – Categorização das revistas onde os estudos pesquisados foram publicados

Revista	Nº	%
Boletim de Psicologia	01	08
Cadernos Saúde Coletiva	01	08
Eccos Revista Científica	01	08
Estudos e Pesquisa em Psicologia	01	08
Psicologia Ensino e Formação	02	15
Psicologia: Teoria e Pesquisa	01	08
Revista Brasileira de Educação Especial	01	08
Revista Brasileira de Epidemiologia	01	08
Revista Diálogo Educacional	01	08
Revista Educação Especial	01	08
Revista Eletrônica de Educação	01	08
Revista Mal Estar e Subjetividade	01	08
Total	13	100

Quanto às teses e dissertações encontradas neste estudo de revisão, ocorreu uma concentração na base de dados BDTD/ IBICT (35 estudos).

Já em relação aos objetivos dos estudos foi encontrado em 35% dos das publicações a prevalência de relatos de pesquisa investigando a incidência da Síndrome de *Burnout* nos docentes, seguidos de estudos sobre a correlação entre Síndrome de *Burnout* e outros constructos e variáveis (20%) e também 18% dos estudos investigando as causas e manifestações da Síndrome de *Burnout*, representando 73% dos objetivos das produções. A Tabela 3 também revela que os demais estudos (27%) correspondem a outros objetivos, tais como conhecimento dos professores sobre *Burnout* (5%), revisão da literatura sobre *Burnout* em professores (5%), *Burnout* e a Teoria Social Cognitiva (4%), prevenção e

enfrentamento em professores para o *Burnout* (4%) e *Burnout* e impactos no ensino (2%).

TABELA 3 – Categorização dos objetivos propostos nos estudos pesquisados

Objetivo	Nº	%
Analisar <i>Burnout</i> a partir da Teoria Social Cognitiva	02	04
Investigar o <i>Burnout</i> e impactos no ensino	01	02
Identificar as causas e manifestações do <i>Burnout</i>	10	18
Avaliar o conhecimento dos professores sobre <i>Burnout</i>	03	05
Identificar a correlação entre <i>Burnout</i> e outros constructos	11	20
Avaliar as estratégias de manutenção da saúde na atividade docente	01	02
Verificar a Incidência de <i>Burnout</i>	19	35
Investigar o comprometimento no trabalho com a vulnerabilidade ao <i>Burnout</i> /Depressão/Distúrbios do sono	01	02
Investigar a prevenção e enfrentamento em professores para o <i>Burnout</i>	02	04
Analisar o processo de desenvolvimento da identidade do professor	01	02
Investigar a relação entre a percepção de justiça e <i>Burnout</i>	01	02
Realizar revisão da literatura sobre <i>Burnout</i> em professores	03	05
Total	55	100

No intuito de conferir maior visibilidade nas informações reveladas na Tabela 3, bem como confirmar a análise categorizada anteriormente, optou-se por apresentar figura no formato de nuvem de palavras a partir dos objetivos expostos nos estudos, criando uma expressão visual das palavras do texto, onde o número de ocorrência dos termos no texto analisado sinaliza o tamanho do termo na nuvem.

O resultado encontrado (Figura 1), mostra que houve convergência de resultados da categorização da Tabela 3 com a Figura 1, onde tem-se como principais ocorrências nos objetivos dos estudos as palavras “Burnout” (59), “Síndrome” (42), “Professores” (42), “Ensino” (11), “Identificar” (11), “Verificar” (11), “Investigar” (10), “Condições” (10), “Fatores” (10), “Dimensões” (9), “Avaliar” (9), “Rede” (9), “Profissional” (8), “Docente” (8), “Variáveis” (7), “Relações” (7), “Saúde” (7), “Prevalência” (6), “Estadual” (6), “Desenvolvimento” (5), “Processo” (5), “Analisar” (5) e “Causas” (5), tendo as demais palavras ocorrências inferiores a isto, não tendo expressão visual relevante.

professoras de ensino fundamental o seu conhecimento sobre *Burnout*, seus sintomas, seu processo de desenvolvimento, fatores de risco, suas consequências e possibilidades de intervenção.

Outros objetivos focam em estudos sobre a *revisão da literatura sobre Burnout em professores*, como Dalcin (2016) que em sua dissertação levantou e sumariou os principais resultados de pesquisas realizadas no tocante a *Burnout* em professores no Brasil. Também Cunha (2009), que realizou uma revisão bibliográfica através de busca nas bases de dados da *Scielo* e *Bireme*, onde foram identificados e analisados os estudos que tratavam do tema Síndrome de *Burnout* e docência para o período entre os anos de 2003 e 2008. E ainda Carvalho (2015) que descreveu a produção científica existente na literatura sobre a prevalência e fatores associados à Síndrome de *Burnout* em docentes de enfermagem.

Alguns estudos tratam ainda da *prevenção e enfrentamento em professores para o Burnout* como Levy (2011) que em sua tese teve com o objetivo desenvolver um programa de enfrentamento da Síndrome de *Burnout* e avaliar os seus efeitos no comportamento de 7 participantes do sexo feminino, com idade variável entre 27 a 48 anos, que atuam como professores no processo de inclusão educacional e social de alunos da Rede Pública, em uma instituição de ensino localizada na cidade do Rio de Janeiro. E Dalcin (2016) que também avaliou o efeito de uma intervenção preventiva para Síndrome de *Burnout* aplicada em 20 professoras que atuam em uma escola pública municipal de ensino fundamental da região metropolitana de Porto Alegre-RS.

Em menor número, alguns estudos, como o de Benevides-Pereira (2012), buscaram avaliar *Burnout e os impactos no ensino*. Neste ensaio bibliográfico, revelou-se a preocupação da autora com a decrescente consideração pelo trabalho do educador, ocasionando uma série de consequências que se fazem sentir tanto no professor como no educando, enumerando os vários fatores que fazem do trabalho docente uma profissão que favorece o desenvolvimento do estresse ocupacional, podendo evoluir à síndrome de *Burnout*, com a consequente redução da realização pessoal, provocando transtornos que se refletem não apenas no professor e na escola, como também no ensino.

Como visto anteriormente, estudos correlacionais entre Síndrome de *Burnout* e outros constructos e variáveis representam 20% do foco central das produções, sendo que as principais correlações foram referentes às condições de

trabalho (52%), seguido de variáveis sociodemográficas (13%), mas também encontrando publicações correlacionando a síndrome com estresse (9%), motivação (9%), depressão (4%), autoeficácia docente (9%) e satisfação no trabalho (4%), conforme a Tabela 4. Para realização do agrupamento dos artigos foram considerados os construtos e variáveis mencionadas nas publicações que poderiam associar-se ao *Burnout*, e, portanto, foram estudados a partir de estudos correlacionais.

TABELA 4 – Categorização do estudo das correlações de *Burnout* com outros construtos e variáveis nas publicações pesquisadas

Correlação	Nº	%
<i>Burnout</i> e Autoeficácia docente	02	09
<i>Burnout</i> e Condições de Trabalho	12	52
<i>Burnout</i> e Estresse	02	09
<i>Burnout</i> e Motivação	02	09
<i>Burnout</i> e Depressão	01	04
<i>Burnout</i> e Variáveis Sociodemográficas	03	13
<i>Burnout</i> e Satisfação no Trabalho	01	04
Total	23	100

No mesmo sentido, a nuvem de palavras abaixo (Figura 2) realizada a partir dos estudos de correlações de *Burnout* com outros construtos e variáveis estudadas nas publicações pesquisadas corrobora os resultados evidenciados na categorização demonstrada na Tabela 4, onde tem-se como principais ocorrências dos estudos as palavras “Burnout” (23), “Professores” (8), “Condições” (8), “Relações” (7), “Docente” (7), “Variáveis” (6), “Ensino” (6), “Realização” (4), “Verificar” (4), “Autoeficácia” (3), “Investigar” (3), “Emocional” (3), “Qualidade” (3), “Especial” (3) e “Saúde” (3), tendo as demais palavras ocorrências inferiores a isto, não tendo expressão visual relevante.

municipais da cidade de João Pessoa-PB. Na mesma direção, as correlações de *Burnout* com as *relações do trabalho* foram analisadas no estudo de Leite (2007) desenvolvido com 8744 professores da educação básica de uma rede estadual de ensino e que teve como objetivo analisar a relação entre a Síndrome de *Burnout* e variáveis de relações sociais no trabalho referentes ao suporte social recebido dos pares e da chefia e conflito trabalho-família, assim como Dallacosta (2014) que buscou avaliar a *satisfação no trabalho* associado à presença de *Burnout* em 139 docentes da área da saúde de duas universidades privadas do sul do Brasil.

Braun (2012) buscou correlações com o *coping*, investigando a associação da Síndrome de *Burnout* com variáveis sociodemográficas, laborais e estratégias de coping ocupacional na população de professores de ensino especial da região do Vale dos Sinos-RS. Já Bellusci (2015) objetivou avaliar a *qualidade motivacional dos professores* para o trabalho e suas associações com componentes de *Burnout*, numa amostra de 586 professores do ensino fundamental, médio e superior.

Há também estudos abordando o *estresse* como fator correlacional à Síndrome de *Burnout*, como no estudo de Campos (2008) que investigou o fenômeno do desgaste físico e psíquico de enfrentamento do professor ao ambiente de trabalho, identificando causas e problemas provocados pelo estresse que leva à Síndrome de *Burnout*, aplicados em 45 professores de uma IES na cidade de Dracena-SP.

Porém algumas pesquisas buscam correlacionar a Síndrome de *Burnout* com a *depressão aliado a outros constructos associados*, como pode ser visto em Kirchhof (2013) que teve por objetivo relacionar sintomas depressivos, estresse, coping, Hardiness e Síndrome de *Burnout* em 108 docentes de enfermagem de Universidades Federais do Rio Grande do Sul.

Importante ressaltar os estudos correlacionais entre *Burnout* e a Teoria Social Cognitiva. Ferreira e Azzi (2011) verificaram as relações existentes entre a autoeficácia docente e a Síndrome de *Burnout*, bem como as relações desses dois construtos com as variáveis pessoais, contextuais e estruturais da função docente, num total de 100 professores do Ensino Médio do estado de Minas Gerais. Ainda em outro artigo, Ferreira e Azzi (2011) propuseram uma reflexão sobre as mais recentes pesquisas sobre o processo de *Burnout* em professores associados a Teoria Social Cognitiva de Bandura, que, considerando as capacidades de auto-regulação e de

autoavaliação do indivíduo, faz com que seja possível tirar uma interrelação entre as atividades laborais e o processo de adoecer. Já Ferreira (2010) objetivou retomar as discussões sobre o processo de *Burnout* do professor a partir de considerações da Teoria Social Cognitiva sobre os processos explicativos do fenômeno.

De acordo com a Tabela 5, o levantamento das escalas e instrumentos utilizados nas pesquisas para verificação da incidência da Síndrome de *Burnout* demonstrou uma alta prevalência no uso da escala *Maslach Burnout Inventory* (MBI), abrangendo 66% das produções encontradas, porém alguns estudos optaram pelo uso de entrevistas semiestruturadas (11%) como instrumento principal de avaliação e entendimento da síndrome, além das escalas *Cuestionario para La Evaluacion Del Sindrome de Quermarse por El Trabajo* (CESQT) (7%) e *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos* (ISSL) (7%).

TABELA 5 – Categorização dos instrumentos e escalas utilizados nos estudos de incidência de *Burnout* das publicações pesquisadas

Instrumentos/Escalas	Nº	%
Cuestionario de <i>Burnout</i> del Profesorado (CBP-R)	02	05
Cuestionario para La Evaluacion Del Sindrome de Quermarse por El Trabajo (CESQT)	03	07
Entrevista Semiestruturada	05	11
Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL)	03	07
Job Content Questionnaire	01	02
Maslach <i>Burnout</i> Inventory (MBI)	29	66
Questionário Avaliação de <i>Burnout</i> SB (Gil-Monte)	01	02
Total	44	100

As avaliações da prevalência da Síndrome de *Burnout* nos docentes realizadas principalmente através do uso da escala americana *Maslach Burnout Inventory* (MBI) refletem o caráter quantitativo dos trabalhos, tal como a dissertação de Cunha (2009), cujo objetivo foi investigar a presença da Síndrome de *Burnout* nos 94 professores de Educação Física das 40 escolas da zona urbana da rede municipal de Pelotas, utilizando na coleta o *Maslach Burnout Inventory* (MBI) para a avaliação da síndrome.

Outros estudos optaram pela escala espanhola *Cuestionario para La Evaluacion Del Sindrome de Quermarse por El Trabajo* (CESQT), como a produção de Costa (2014), onde os níveis da Síndrome de *Burnout* foram avaliados pela aplicação do *Cuestionario para la Evaluación del Síndrome de Quemarse por el*

Trabajo (CESQT) em 169 professores de instituições de ensino superior de Piracicaba-SP com o objetivo foi investigar a prevalência da Síndrome de *Burnout* em uma amostra de professores universitários.

E há ainda alguns estudos utilizando o *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos* (ISSL), sendo este um questionário de estresse utilizado como instrumento complementar para avaliar *Burnout*, demonstrando que ainda há a necessidade de melhor diferenciação dos conceitos. O trabalho de Campos (2008) teve como objetivo caracterizar e identificar causas e problemas provocados pelo estresse levando à Síndrome de *Burnout*, utilizando-se para o levantamento dos dados o *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos* (ISSL) aplicados em 45 professores de uma IES na cidade de Dracena, Estado de São Paulo, assim como Levy (2011), que ao buscar desenvolver um programa de enfrentamento da Síndrome de *Burnout* e avaliar os seus efeitos no comportamento de 7 professores no processo de inclusão educacional e social da Rede Pública, do Rio de Janeiro utilizou também o *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp* (ISSL) associada a uma escala de *Burnout* para verificar a incidência de sintomas de stress e conseqüente *Burnout* nos participantes.

Em contrapartida, determinados autores preferiram a forma qualitativa para avaliar o *Burnout*, utilizando-se de *entrevistas semiestruturadas* como instrumento principal de avaliação e entendimento da síndrome, como fez Teixeira (2007) ao identificar manifestações sugestivas da Síndrome de *Burnout* em 15 professores de três escolas municipais do ensino fundamental das séries finais da cidade do Rio Grande-RS, cujo estudo se caracterizou como exploratório descritivo e qualitativo, onde os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas.

Percebe-se que há um numero expressivo de estudos que usam escalas, porém não se verifica a intenção de validar novos instrumentos no Brasil, visto que as pesquisas continuam utilizando-se ainda de escalas internacionais para a avaliação, havendo um predomínio do uso do MBI. Apesar de não ser nacional, o fato de ser muito utilizada mostra sua adequação, porém não se anula a necessidade de um instrumento nacional. Portanto, seria recomendada a criação e validação de uma escala nacional para medir a incidência de *Burnout* levando em consideração a realidade brasileira em que os professores estão inseridos, além de estudos verificando se o MBI tem validação para a população brasileira, visto que ele é traduzido mas não há indícios de ser validado.

Também se fez foco deste estudo descrever os participantes que foram objetos das pesquisas sobre Síndrome de *Burnout* em docentes. Portanto, de acordo com a caracterização dos sujeitos das produções, observa-se na Tabela 6 uma predominância de docentes advindos de instituições públicas (81%). Em seguida, temos abordados nas publicações 19% dos professores de instituições privadas.

TABELA 6 – Categorização de acordo com o tipo de instituição e nível escolar de atuação dos professores pesquisados nas publicações encontradas

Atuação do Professor	Nº	%
<i>Tipo de Instituição</i>		
Pública	38	81
Privada	09	19
Total	47	100
<i>Nível Escolar</i>		
Ensino Especial	02	04
Fundamental	21	45
Médio	08	17
Superior	14	30
Técnico	02	04
Total	47	100

Com relação ao nível escolar de atuação do professor, a Tabela 6 revela que a Síndrome de *Burnout* foi estudada com maior prevalência em docentes que lecionam no ensino fundamental (45%), mas com significativa ênfase também no ensino superior (30%) e ensino médio (17%), tendo sido encontrados poucos estudos referentes aos docentes em ensino especial (4%) e ensino técnico (4%).

Considerações Finais

O propósito desta pesquisa foi realizar uma atualização dos estudos sobre a Síndrome de *Burnout* no Brasil, onde pode-se observar que os resultados corroboraram as revisões anteriores, não houve uma mudança significativa nos resultados encontrados nos estudos desde 2010, representando uma urgência em novas pesquisas sobre a temática.

Analisando as publicações recuperadas nesta pesquisa, a maior parte se propôs a investigar a incidência da Síndrome de *Burnout* nos docentes, refletindo

a limitação desses trabalhos focados apenas na prevalência de *Burnout*. Ao verificar a prevalência, percebe-se que há um número expressivo de estudos que se utilizam de escalas internacionais para a avaliação. Não há, portanto, investigações intencionadas em analisar parâmetros psicométricos de novos instrumentos no Brasil, sendo recomendada a criação e validação de uma escala nacional para medir a incidência de *Burnout* levando em consideração a realidade brasileira em que os professores estão inseridos.

São nítidas as várias tentativas de se descobrir as causas da Síndrome de *Burnout*, pois muitos dos estudos correlacionaram a *Síndrome de Burnout* a outros constructos e variáveis, tais como as condições de trabalho docente, práticas educativas, repertório de habilidades sociais, problemas comportamentais do aluno, condições de atuação profissional, realização profissional, estresse, coping, depressão, Hardness, motivação intrínseca, qualidade de vida, absenteísmo e autoeficácia docente na tentativa de identificar as causas.

Identificando os fatores relacionados à incidência será possível desenvolver programas que atuem na prevenção e enfrentamento, evitando que o *Burnout* prevaleça nos docentes, diminuindo assim a severidade dos sintomas e os impactos na saúde do docente e no ensino em geral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M. et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.5, set./out. 2005.

BATISTA, J. B. V. et al. Prevalência da Síndrome de *Burnout* e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Paraíba, v.13, n.3, p.502-512, set. 2010.

BATISTA, O. **Profissão docente**. 2005. 145f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina - PR.

BELLUSCI, J. F. **A qualidade motivacional e o *Burnout*: um estudo exploratório com professores**. 2015. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. O Estado da Arte do Burnout no Brasil. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 4-11, ago. 2003.

_____. Considerações sobre a síndrome de *Burnout* e seu impacto no ensino. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v.62, n.137, dez. 2012.

BRAUN, A. C. **Síndrome de *Burnout* em professores de ensino especial**. 2012. 75f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio Grande do Sul - RS.

CAMPOS, D. A. Z. **Síndrome de *Burnout*: o esgotamento profissional ameaçado. O bem-estar dos professores**. 2008. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente – SP.

CÂNDIDO, J.; SOUZA, L. R. Síndrome de *Burnout*: as novas formas de trabalho que adoecem. **Psicologia.pt**. Jan.2017

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S.G. Análise da produção científica sobre a Síndrome de *Burnout* no Brasil. **Psico-PUCRS**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 152-158, abr./jun. 2008.

_____.; PALAZZO, L. S. Síndrome de *Burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n. 5, p.1017-1026, mai. 2006.

CARVALHO, I. A. **Trabalho e saúde mental de professores enfermeiros de três universidades do Nordeste do Brasil**. 2015. 126f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira De Santana - BA.

CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, W. GAZZOTTI, A. A. Laboratório de Psicologia do Trabalho. **Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação** - Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2002.

COSTA, L. S. T. **Avaliação da síndrome de *Burnout* em professores universitários de Piracicaba-SP**. 2014. 85f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.

CRUZ, M. V. **Aquele que entre vocês for o menor será o maior: prática escolar, cotidiano e adoecimento**. 2012. 32f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG.

CUNHA, K. W. V. **A produção científica no Brasil nos anos de 2003 a 2008 sobre Síndrome de *Burnout* e docência**. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

DALCIN, L. **Efeito de uma intervenção para prevenção da Síndrome do Burnot em professores**. 2016. 21f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

DALLACOSTA, F. M. **Avaliação do nível de satisfação no trabalho e dos sintomas de *Burnout* em docentes da área da saúde.** 2014. 190f. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014

DIEH, L.; CARLOTTO, M. S. **Conhecimento de professores sobre a Síndrome de *Burnout*: processos, fatores de risco e consequências.** 2013. 37f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS.

EBISUI, C. T. N. B.; VILELA, S. M. **Trabalho docente do enfermeiro e a Síndrome de *Burnout*: desafios e perspectivas.** 2008. 252f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto – SP.

FERREIRA, L. C. M.; AZZI, R. G. *Burnout* do professor e crenças de auto-eficácia. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 26, p. 179 – 191, jul/ dez. 2011.

_____. Docência, *Burnout* e considerações da teoria da auto-eficácia. **Psicologia, Ensino & Formação**, Brasília, v.1, n.2, p.23-34, abr. 2010.

_____. **Relação entre a crença de autoeficácia docente e a síndrome de *Burnout* em professores do ensino médio.** 2011. 166f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP.

FERREIRA, L. C. M. et. al. **Relação entre a crença de auto-eficácia docente e a síndrome de *Burnout* em professores do ensino médio.** 2011. 191f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP.

FREIRE, M. A.; et. al. Estado da arte sobre síndrome de *Burnout* no Brasil - **SANARE**, Sobral, v.11. n. 1, p. 66-71, jan./jun. 2012.

GARCIA, L. P. et al. Investigando o *Burnout* em Professores Universitários. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, v. 1, n. 1, p. 76-89, ago. 2003.

GASPARINI, S. M.; BARRETO S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GOMES JUNIOR, L. C. **Síndrome de *Burnout* e sua relação com condições de trabalho, estado nutricional e de saúde em professores do ensino médio estadual.** 2010. 184f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa – MG.

KIRCHHOF, R. S. **Estresse, coping, síndrome de *Burnout*, sintomas depressivos e hardiness em docentes de enfermagem.** 2013. 150f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS.

LEITE, N. M. B. **Síndrome de *Burnout* e relações sociais no trabalho: um estudo com professores da educação básica.** 2007. 168f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília – DF.

LEVY, G. C. T. M. **Desenvolvimento de um programa de enfrentamento da Síndrome de *Burnout* e análise de seus efeitos em professores que atuam no processo de inclusão.** 2011. 166f. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ.

LOPES, A. P.; PONTES, E. A. S. Síndrome de *Burnout*: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 13, n. 2, p. 275-281 jul./dez. 2009.

MARIANO, M. S. S.; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 76-88, 2006.

NEVES, S. F. **Trabalho docente e qualidade de vida na rede pública de ensino de Pelotas.** 2008. 105f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas – RS.

REIS, E. J. F. B.; ARAÚJO, T. M. de; CARVALHO, F. M.; BARBALHO, L.; SILVA, M. O. Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006.

RIBEIRO, D. B. **O síndrome de *Burnout* em professores do ensino superior. Um estudo numa IES do Interior do Ceará.** 2016. 132f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia, Lisboa – PT.

SILVA, N. R. **Condições de trabalho e saúde de professores de alunos com ou sem necessidades educacionais especiais.** 2009. 132f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP.

_____.; et al. O Trabalho do Professor, Indicadores de *Burnout*, Práticas Educativas e Comportamento dos Alunos: Correlação e Predição. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v.21, n.3, p.363-376, set. 2015.

SINOTT, E. C. **Síndrome de *Burnout*: um estudo com professores de Educação Física das escolas municipais de Pelotas.** 2013. 135f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS.

TEIXEIRA, F. G. **Síndrome de *Burnout* em profissionais da educação: um estudo com professores da rede municipal do ensino fundamental de Rio Grande/RS.** 2007. 83f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul – RS.

TRINDADE, L. L. et al. Estresse e síndrome de *Burnout* entre trabalhadores da equipe de Saúde da Família. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 5, p. 684-689, set./out. 2010.

VOLPATO, D. C. et al. *Burnout*. O desgaste dos Professores de Maringá. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, v. 1, n. 1, p. 90-101, ago. 2003.

2 A TEORIA SOCIAL COGNITIVA E A AUTOEFICÁCIA DOCENTE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

RESUMO

No presente estudo foram trazidos para discussão achados teóricos referentes à autoeficácia docente, fundamentados na Teoria Social Cognitiva, seus recortes metodológicos e principais resultados, assim como as implicações da autoeficácia na prática docente. Foram recuperados 16 artigos, levantados na Base de Dados BVS-Psi em setembro de 2016, utilizando-se o descritor “Autoeficácia Docente”. Os estudos encontrados mostraram que a maior incidência das publicações se refere às pesquisas empíricas (75%), tendo como objetivo realizar avaliações relacionadas aos constructos da autoeficácia em docentes (63%) que atuam no nível fundamental (38%) e médio (44%). A maioria dessas publicações é na língua portuguesa (81%), tendo como principais autores se dedicando ao estudo da temática Guerreiro-Casanova (24%), laochite (24%) e Azzi (18%). Em relação às implicações da autoeficácia na prática docente os estudos demonstraram que os constructos da autoeficácia podem impactar na satisfação profissional e pessoal (33%), assim como na confiança do docente para realização de tarefas (17%), refletindo ainda no desempenho docente e escolar (11%), na capacidade para ensinar (11%) e no sucesso escolar (11%).

Palavras-Chave: Autoeficácia. Educação. Docente. Ensino Superior.

Introdução

As crenças de autoeficácia têm sido associadas ao êxito pessoal, visto que provavelmente os indivíduos realizarão atividades que acreditam terem mais capacidade de êxito do que aquelas que creem que tenderão ao fracasso. Na verdade, o ser humano propende a evitar envolver-se em tarefas onde o seu sentido de competência se revele reduzido. Assim, a autoeficácia faz diferença em como as pessoas sentem, pensam e agem, e isso reflete nas suas escolhas, conduta e desempenho.

Albert Bandura, representante expressivo da Teoria Social Cognitiva, apresenta um modelo explicativo para os fatores determinantes da ação humana. Para o autor, o conceito de autoeficácia seria a crença que o indivíduo considera ter em suas próprias capacidades de desempenhar atividades que os levem a atingir os resultados esperados.

Costa (2003), quando fala da autoeficácia, refere-se à capacidade do ser humano em acreditar de maneira efetiva nas suas potencialidades. Mais

especificamente, o conceito de autoeficácia docente “seria a crença dos professores em suas próprias capacidades de desempenhar atividades docentes que os levem a atingir os resultados esperados.” (FERREIRA E AZZI, 2010, p.24).

Neste sentido, de acordo com Silva, Iachite e Azzi (2010), quando professores se deparam com estressores ocupacionais e não se percebem capazes de enfrentá-los, evitando-os, apresentam baixa autoeficácia percebida, tendo como consequência o aumento da exaustão emocional, a despersonalização e a sensação de falta de realização pessoal. Ao contrário, professores que se percebem capazes de resolver as questões acadêmicas, direcionando seus esforços para resolvê-las, isto é, despendem esforços ou determinam cursos de ação para a execução das tarefas resolutivas, apresentam alta autoeficácia percebida para lidar com esses estressores ocupacionais.

A percepção de autoeficácia ou a autoeficácia percebida pode ser definida, segundo Costa (2003) como a avaliação ou julgamento das pessoas sobre as suas competências ou capacidades de ação exigidas para realizar os desempenhos planejados. Ela também determina seu nível de motivação e o quanto vai se empenhar e por quanto tempo. Os indivíduos com alta autoeficácia percebida resolvem o problema empregando estratégias que melhorem seu trabalho, ao contrário daqueles com percepções de baixa autoeficácia ocupacional, que acreditam que pouco podem fazer para alterar a situação em que se encontram, resultando então em comportamentos de evitação e ansiedade. Sendo assim, quanto mais eficaz o indivíduo se percebe, maior a sua persistência e maior o seu esforço em relação às ações que se envolve.

As crenças de autoeficácia, construto também central da Teoria Social Cognitiva, são formadas e alteradas por meio da transmissão de informações e de estratégias de ação para se lidar com situações desafiadoras através de modelos competentes, além da comparação com as conquistas dos outros em situações similares, sendo, segundo Bandura (1999), informações particularmente úteis para o desenvolvimento de habilidades cognitivas. Rocha (2009) ressalta que as crenças de autoeficácia resultam de um complexo processo de auto-avaliação no qual o indivíduo processa cognitivamente informações a partir das quatro principais fontes de influências: Experiências Pessoais, Aprendizagem Vicária, Persuasão Verbal e Indicadores Fisiológicos.

Contudo, é fundamental se atentar para a importância das quatro fontes de construção das crenças de autoeficácia, iniciando pela elucidação da Experiência Pessoal em tarefas anteriores, fonte que serve como um indicador de habilidade. De acordo com Nunes (2008) tal fonte é manifestada por meio de interpretação de experiências prévias, ou seja, as experiências são usadas para desenvolver ou sustentar crenças sobre a capacidade para se envolver em certas tarefas, que posteriormente deverão influenciar na motivação e persistência para se engajar em tarefas do mesmo domínio. Bandura (1986) aponta que essa é a fonte com maior influência, uma vez que é baseada em uma experiência de sucesso, e esse tipo de experiência bem sucedida tende a aumentar ou fortalecer as crenças sobre a sua eficácia pessoal, enquanto que situações de fracasso tendem a diminuir a crença de autoeficácia, evitando situações onde seu desempenho não é satisfatório.

A Aprendizagem Vicária é apresentada por Nunes (2008) como a fonte que gera as crenças de eficácia por meio da observação de outras pessoas realizando certas ações. Quando se observa alguém com perfil semelhante realizando tarefas e tendo sucesso, o indivíduo infere que também possui capacidade de realizá-las da mesma maneira, elevando assim suas crenças de autoeficácia.

Já a fonte Persuasão Verbal, diz respeito aos feedbacks avaliativos sociais recebidos como forma de convencimento de que uma pessoa tem certas competências, e servem como meio de fortalecimento das crenças que os indivíduos possuem sobre suas próprias capacidades. Sendo assim, “tenta-se convencer as pessoas de que elas têm as habilidades necessárias para alcançar o que buscam, bem como, da pouca habilidade para a atividade em questão” (NUNES, 2008, p. 35). Dessa maneira, ocorre o aumento ou a diminuição da autoeficácia percebida, já que acreditando nos feedbacks positivos há um aumento dos esforços para realização das tarefas e conseqüentemente das crenças de autoeficácia. Por outro lado, se a persuasão é negativa, o indivíduo poderá diminuir seus esforços e esquivar-se das atividades desafiadoras. Como afirma Rocha (2009), o impacto e o potencial dessa persuasão positiva ou negativa dependerão da credibilidade e confiança que o indivíduo tem por quem o persuade. No caso de docentes universitários, profissionais com maior experiência poderiam exercer esse papel.

Por fim, a partir de Indicadores Fisiológicos é possível prever, de acordo com as reações físicas e emocionais, fatores que sugerem julgamentos quanto à própria capacidade, confiança, força e vulnerabilidade diante de situações desafiadoras. Segundo Bandura (1986), as pessoas interpretam sua atividade fisiológica em situações estressantes ou que demandam muito como sinais de vulnerabilidade. Como ressalta Rocha (2009), os estados fisiológicos influenciam o julgamento que as pessoas fazem de suas próprias capacidades, ou seja, atuam na determinação da sua autoeficácia pessoal, já que estados emocionais, psicológicos e fisiológicos positivos aumentam a autoeficácia percebida, ao contrário de estados negativos, que reduzem a sua autoeficácia.

Importante destacar que as fontes não operam separadamente e de forma independente. O que será levado em consideração pelo sujeito é a maneira como interpreta e avalia o evento, e não o evento em si, sendo, portanto, a crença de autoeficácia resultado de um processamento cognitivo da fonte influenciadora. Sendo assim, a análise cognitiva dos eventos e sua interpretação determinam o valor dado às fontes de influência e como estas afetarão a construção das crenças de autoeficácia. Isso pode ser especialmente importante quando falamos de docentes e a maneira pela qual acreditam serem capazes de desempenhar seu papel de maneira adequada e com sucesso.

Em uma investigação, Rocha (2009) verificou as crenças e as fontes de autoeficácia docente no ensino superior levando em consideração a intencionalidade da ação (a crença do professor na capacidade de mediar o ensino e mobilizar o estudante para a realização da atividade) e o manejo de classe do professor (a crença do professor para lidar e gerenciar os múltiplos aspectos do cotidiano da aula). Também buscou correlações entre crenças e fontes de autoeficácia e variáveis pessoais, da atividade e do contexto docente, além de objetivar compreender as relações entre as crenças de autoeficácia e as fontes de autoeficácia. Em seu estudo, a autora contou com 457 docentes atuantes em diversas instituições públicas e privadas de ensino superior. Rocha (2009) pode constatar que os participantes apresentaram altas tendências nas crenças de autoeficácia tanto na dimensão de intencionalidade da ação docente, como na dimensão de manejo de classe. No que se refere às relações entre crenças de autoeficácia e variáveis pessoais, da atividade docente e de contexto, os resultados revelaram diferenças significativas quanto ao nível de formação, tempo de atuação,

jornada de trabalho, percepção de preparo como docente, satisfação com o trabalho, avaliação da infraestrutura, apoio, recebido na instituição e possibilidades de expressar ideias.

Na análise dos dados coletados sobre as fontes de informação de autoeficácia foram detectadas influências das experiências diretas, seguida de persuasão social, experiências vicárias e estados fisiológicos e emocionais. Já a análise das relações entre autoeficácia docente e as fontes de autoeficácia mostrou baixa correlação positiva e significativa entre a autoeficácia e as fontes de autoeficácia, com exceção da fonte de estados fisiológicos e emocionais. (ROCHA, 2009).

O professor é um agente fundamental para que mudanças possam ser feitas na questão da sua saúde, pois será necessário desenvolver uma percepção pessoal de que ele é capaz de lidar com as situações adversas pessoais e ambientais, e que ele tem possibilidade de desenvolver estratégias de enfrentamento que lhe permitirão continuar sua trajetória. Neste sentido, Ferreira e Azzi (2011) enfatizam a importância da autoeficácia percebida na manutenção e no engajamento em programas protetores da saúde e na melhoria da performance e das realizações pessoais e laborais.

Frente a isso, o referencial teórico sobre autoeficácia tem se revelado particularmente relevante para a compreensão do contexto educacional, por se tratar de um construto de alto poder explicativo para sucessos e fracassos em condições adversas. Sendo assim, esta pesquisa pretendeu apresentar os estudos referentes à autoeficácia docente, fundamentados na Teoria Social Cognitiva, seus recortes metodológicos e principais resultados, assim como verificar as implicações da autoeficácia na prática docente.

Método

Para levantamento dos estudos a serem apresentados foi realizada uma busca na Base de Dados eletrônica BVS-Psi (Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil) em setembro de 2016. Essa base foi escolhida por contemplar uma vasta gama de periódicos da área de Psicologia e Saúde, sendo referência no Brasil e América Latina em informação científica, reconhecida e utilizada pela comunidade acadêmica. Sua base de dados abriga o portal *Pepsic* (Periódicos

Eletrônicos em Psicologia) e o *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*), um portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos completos de revistas na Internet.

Não houve recorte temporal visto que não identificou-se publicações nesta base anterior a 2008, portanto, estudos de 2008 a 2016 já confere confiabilidade em relação a atualização de dados proposta.

A busca foi concentrada em pesquisas onde a autoeficácia docente fosse o eixo principal, sendo que para isso utilizou-se como descritor a palavra-chave “Autoeficácia Docente”. Considerando que a produção publicada nessas bases tem os resumos nos idiomas português, inglês e espanhol, estudos produzidos no contexto brasileiro em outros idiomas, como o inglês e o espanhol poderão ser encontrados.

Os estudos encontrados foram categorizados em função do Tipo de Estudo, Objetivo, Nível Escolar Estudado, Idioma, Implicações da autoeficácia e Autores. Após, foram organizados em uma tabela categorizada de análises para melhor visualização dos resultados, sendo que os estudos também foram apresentados de forma descritiva.

Resultados

Foram encontradas 16 publicações científicas na Base de Dados BVS-Psi (8 artigos na *Pepsic* e 8 na *Scielo*) relacionadas à temática de autoeficácia docente, conforme Tabela 1.

TABELA 1 – Categorização das publicações encontradas relacionadas à Autoeficácia Docente de acordo com tipo de estudo, objetivo, nível de ensino, idioma, implicações e principais autores

Categoria	Nº	%
<i>Tipo de Estudo</i>		
Teórico	04	25
Empírico	12	75
Total	16	100
<i>Objetivo da Pesquisa</i>		
Avaliação da Autoeficácia	10	63
Ensaio teórico	02	13
Revisão de literatura	02	13
Validação de escala	02	13
Total	16	100
<i>Nível de Ensino dos Professores</i>		
Fundamental	06	38
Médio	07	44
Superior	03	19
Total	16	100
<i>Idioma da Publicação</i>		
Português	13	81
Inglês	01	06
Espanhol	02	13
Total	16	100
<i>Implicações da Autoeficácia</i>		
Adoecimento docente	01	06
Desempenho (docente e escolar)	02	11
Permanência na docência	01	06
Capacidade para ensinar	02	11
Realização de tarefas	03	17
Rotatividade	01	06
Satisfação (profissional e pessoal)	06	33
Sucesso escolar	02	11
Total	18	100
<i>Principais Autores</i>		
Azzi	03	18
Costa Filho	02	12
Ferreira	02	12
Guerreiro-Casanova	04	24
laochite	04	24
Polydoro	02	12
Total	17	100

Os estudos encontrados mostraram que a maior incidência das publicações se refere às pesquisas empíricas (75%), tendo também 25% de estudos teóricos. A maioria destes estudos tem como objetivo realizar avaliações relacionadas aos constructos da autoeficácia em docentes (63%), porém também há publicações voltadas à produção de ensaios teóricos sobre autoeficácia (13%), assim como revisões de literatura acerca da temática (13%) e estudos buscando a validação de escalas para avaliação da autoeficácia (13%). Quanto ao nível escolar nas produções, 38% dos docentes estudados atuam no ensino fundamental, 44% no ensino médio e 19% no ensino superior.

Verificou-se que os principais autores que vem se dedicando ao estudo da temática são laochite (24%), Guerreiro-Casanova (24%) e Azzi (18%), e ainda Costa Filho (12%), Ferreira (12%) e Polydoro (12%), sendo que a maioria dessas publicações é na língua portuguesa (81%), porém também foram encontradas publicações em língua espanhola (13%) e em língua inglesa (6%).

Em relação às implicações da autoeficácia na prática docente os estudos demonstraram que o constructo da autoeficácia pode impactar na satisfação profissional e pessoal (33%), assim como na confiança do docente para realização de tarefas (17%), refletindo ainda no desempenho docente e escolar (11%), na capacidade para ensinar (11%) e no sucesso escolar (11%).

Discussão

Verificou-se que as publicações sobre a autoeficácia docente são recentes, iniciadas a partir de 2008 (um estudo), havendo nos anos seguintes mais algumas produções: em 2010 (um estudo), 2011 (dois estudos), 2014 (seis estudos), 2015 (três estudos) e em 2016 (dois estudos). Percebe-se, porém, que o número de publicações sobre a temática ainda é pequeno frente às possíveis contribuições que novas pesquisas poderiam fazer.

Embora as publicações revelem uma diversidade de autores, os que mais pesquisaram sobre Autoeficácia Docente foram laochite, Guerreiro-Casanova e Azzi. Estes em sua maioria se basearam na Teoria Social Cognitiva, estando, portanto, num grupo de autores embasados pelo mesmo referencial teórico. Sendo assim, ao apresentar e descrever os estudos destes autores, buscou-se verificar elementos que acrescentem informações dentro da mesma abordagem, assim como

verificar peculiaridades e convergências nos estudos de cada autor, enfocando o olhar de cada um para a abordagem em função da mesma temática.

laochite produziu quatro estudos nos últimos 5 anos. Iniciou suas publicações em laochite et al. (2011) cujo estudo objetivou identificar e analisar a autoeficácia docente de professores de educação física e sua relação com nível de satisfação pessoal e de disposição em continuar na atividade de ensino. Participaram 220 professores de escolas públicas e privadas da região de Campinas e do Vale do Paraíba, SP. Verificou-se a autoeficácia docente elevada nestes professores, sendo que a eficácia do manejo da classe mostrou-se significativamente inferior quando os professores apresentavam níveis baixos ou médios de satisfação ou de disposição. Notou-se que, apesar da tendência positiva na percepção do professor, a promoção da autoeficácia docente se mostrou relevante, especialmente quando é discutido seu papel na prevenção ou intervenção frente à saúde do professor.

Em outra publicação de laochite (2014) foram apresentadas as fontes de constituição da autoeficácia docente à luz dos postulados de Bandura. No ano seguinte, Costa Filho e laochite (2015) produziram um estudo cujo objetivo foi compreender como se constitui a crença de autoeficácia para o ensino da Educação Física na escola de estagiários em fase final de formação, por meio de análise documental de portfólios reflexivos. A investigação revelou que os autores dos portfólios se perceberam capazes para ensinar Educação Física após o estágio. As experiências de regência, seguidas pela persuasão social, foram as fontes de autoeficácia mais citadas. Os autores concluíram que promover o conhecimento sobre as crenças ligadas ao ensino, em especial a de autoeficácia, pode favorecer a reflexão de futuros professores sobre a própria capacidade, e também sobre competências e estratégias que deverão desenvolver no exercício da docência, considerando os desafios presentes nesse processo.

Dando continuidade a exploração de seu objeto de estudo, laochite (2016) buscou identificar trabalhos sobre autoeficácia realizados no cenário brasileiro, seus recortes metodológicos e principais resultados. Foram analisados 15 artigos selecionados nas bases de dados *Scielo*, LILACS e Redalyc, utilizando os termos autoeficácia ou autoeficácia em conjunto com as palavras-chaves: estudante, aluno, professor, docente, ensino e escola. Os resultados revelaram que as pesquisas privilegiam os domínios da autoeficácia acadêmica e autoeficácia

docente, sendo mais recorrente a pesquisa quantitativa, com a utilização de escalas. Considerou-se que pesquisas de abordagem qualitativa, além do enfoque de outros elementos constituintes do contexto educacional (diretores, coordenadores etc.) são necessárias para melhor compreender o papel das crenças de autoeficácia no contexto investigado.

Portanto, os estudos de laochite demonstraram que a promoção da autoeficácia docente é extremamente relevante, especialmente quando se discute seu papel na prevenção ou intervenção na saúde do professor, favorecendo o conhecimento desse docente sobre as crenças ligadas ao ensino, em especial a de autoeficácia, assim como a reflexão sobre a própria capacidade, além das competências e estratégias que deverá desenvolver no exercício da docência. Sendo assim, alerta para a necessidade de novos estudos enfocando outros elementos constituintes do contexto educacional, necessários para melhor compreender o papel das crenças de autoeficácia nos ambientes educacionais.

Compondo o quadro de estudiosos que vêm se dedicando à compreensão da autoeficácia docente, Guerreiro-Casanova produziu quatro artigos nos últimos 6 anos. Em Polydoro e Guerreiro-Casanova (2010) o artigo dedicou-se à apresentação do processo de construção e busca de evidência de validade da escala Autoeficácia na Formação Superior, que avalia as crenças de estudantes em sua capacidade frente às tarefas da formação superior, aplicada a uma amostra de 535 participantes. A análise revelou cinco dimensões: Autoeficácia acadêmica (capacidade de aprender e aplicar conhecimento), Autoeficácia na regulação da formação (capacidade de auto-regular as ações), Autoeficácia na interação social (capacidade de relacionamento com colegas e professores), Autoeficácia em ações próativas (capacidade de aproveitar e promover oportunidades de formação) e Autoeficácia na gestão acadêmica (capacidade de envolver-se e cumprir prazos). Estes dados evidenciaram adequação do instrumento e os resultados poderão contribuir na gestão institucional e prática docente.

Em outro estudo, Guerreiro-Casanova (2014) realizou pesquisa com 201 educadores de escolas públicas estaduais paulistas, com o objetivo analisar as relações explicativas entre as crenças de autoeficácia de gestores escolares, as crenças de autoeficácia docente e as crenças de eficácia coletiva escolar, considerando-se as contribuições de variáveis pessoais de caracterização, de variáveis relativas à atividade docente e de variáveis contextuais. Verificou-se que,

em conjunto, as variáveis autoeficácia docente, infraestrutura e formação dos participantes puderam ser compreendidas como explicativas da eficácia coletiva escolar. Os resultados destacaram a importância dos aspectos de contexto como promotores dessas crenças a fim de possibilitar suas contribuições para a educação escolar.

Em 2015 dois novos artigos foram produzidos. Em Casanova e Azzi (2015) o artigo apresentou o processo de adaptação e de busca de evidências de validade da escala de Autoeficácia Docente e da escala de Crença Coletiva Escolar. O estudo contou com a participação de 380 educadores da rede estadual de São Paulo, e demonstrou haver correlação significativa entre a autoeficácia e a eficácia coletiva, havendo, portanto, correlações significativas entre essas crenças e o desempenho escolar, sugerindo-se ampliar a amostra para confirmar tais resultados.

Em artigo recentemente construído, Casanova e Azzi (2015) analisaram as possíveis relações explicativas entre variáveis pessoais, variáveis de atividade docente e variáveis contextuais e as crenças de autoeficácia docente de professores do ensino médio público paulista em 201 educadores oriundos de 11 escolas do ABC Paulista, dos quais 180 eram professores do ensino médio e 21 eram gestores escolares. A análise constatou que as variáveis formação, crença de eficácia coletiva escolar e tempo de atuação na unidade escolar pesquisada mostraram-se significativamente explicativas da autoeficácia docente, demonstrando a necessidade de se proporcionar formação docente que alie o desenvolvimento de habilidades e de autoeficácia, bem como condições para diminuir a rotatividade docente e fortalecer a crença de eficácia coletiva escolar.

Neste sentido, os estudos de Guerreiro-Casanova trazem grandes contribuições às pesquisas voltadas à autoeficácia docente, visto que evidenciou que variáveis como crença de eficácia coletiva escolar, tempo de atuação na unidade escolar, infraestrutura e formação docente podem ser compreendidas como explicativas da autoeficácia docente e eficácia coletiva escolar, demonstrando ainda haver correlação significativa entre a autoeficácia docente e a eficácia coletiva, associando-as ao desempenho escolar. Ainda atuou na construção e busca de evidência de validade da escala Autoeficácia, levando a adequação do instrumento.

Dessa forma, seus estudos destacaram a importância dos aspectos de contexto como promotores das crenças a fim de possibilitar suas contribuições para a educação escolar. Demonstrou ainda a necessidade de se proporcionar formação

docente que alie o desenvolvimento de habilidades e de autoeficácia, bem como condições para diminuir a rotatividade docente e fortalecer a crença de eficácia coletiva escolar. Sendo assim, ressalta que estes achados poderão contribuir na gestão institucional e prática docente, porém, indicando a necessidade de realização de novos estudos ampliando as amostras para corroborar os resultados encontrados.

Outro autor com produções na área é Ferreira, que produziu 2 artigos, sendo o único a relacionar o constructo da autoeficácia ao adoecimento docente. O primeiro estudo realizado por Ferreira (2010) foi um ensaio com o objetivo de retomar as discussões sobre o processo de *Burnout* do professor a partir de considerações da Teoria Social Cognitiva sobre os processos explicativos do fenômeno, introduzindo informações sobre *Burnout* e autoeficácia docente, destacando o entrelaçamento entre esses temas por acreditar que a teoria da autoeficácia possa trazer contribuições relevantes para a superação do atual cenário da produção de *Burnout* em contextos educativos. Constatou a falta de professores no ensino, quer pelo abandono, quer pelo não ingresso na carreira, a incidência de adoecimento desse profissional, aliados aos baixos índices dos resultados educacionais, fazendo-se necessário buscar estudos teórico-empíricos para se compreender melhor as relações entre *Burnout* e Autoeficácia.

No outro estudo, Ferreira (2014) apresentou os resultados de uma investigação sobre as relações entre a autoeficácia docente, as condições de atuação profissional e a realização pessoal dentro do contexto da carreira acadêmica. Participaram do estudo 100 professores do Ensino Médio do Estado de Minas Gerais, Brasil. A investigação indicou haver uma possibilidade de intervenção de grande importância no meio educativo, no cenário educacional.

Importante o destaque que Ferreira dá ao entrelaçamento entre o *Burnout* do professor a partir de considerações da Teoria Social Cognitiva sobre os processos explicativos do fenômeno, por acreditar que a teoria da autoeficácia possa trazer contribuições relevantes para *Burnout* em contextos educativos, ressaltando que se faz necessário realizar novos para se compreender melhor as relações entre *Burnout* e Autoeficácia, indicando a necessidade de intervenção de grande importância no atual cenário educacional.

Entre os outros autores que também produziram sobre o tema temos Fernández-Arata (2008) em publicação em espanhol, cujo objetivo foi estudar a

relação entre a orientação para a meta, estratégias de aprendizagem, autoeficácia e percepção de desempenho docente em professores primários em Lima - Peru. A amostra foi composta por 313 professores de diferentes escolas de Lima. Os resultados indicaram a existência de uma relação positiva na influência das variáveis práticas de aprendizado do professor sobre o seu desempenho de acordo com os níveis de autoeficácia e estratégias de aprendizagem.

Encontramos também Silva, Barros e Lisboa (2011) que investigaram a relação entre os níveis de autoeficácia docente de professores de Física que atuavam no ensino médio com a formação acadêmica dos mesmos, numa amostra de 136 professores brasileiros que trabalhavam no noroeste do estado de São Paulo e no noroeste do estado do Paraná. Como resultado destacou-se a associação entre os maiores níveis de crenças de autoeficácia docente com a formação específica em Física, o que indica a importância da oferta de formação adequada aos professores de Física de nosso país.

Outro estudo foi realizado por Ramos et al. (2016), que objetivou revisar sistematicamente pesquisas sobre a eficácia coletiva docente, na perspectiva social cognitiva. Para tanto, foram realizadas buscas de artigos publicados entre 2010 a 2014, na base de dados da CAPES. O levantamento resultou em 12 artigos e indicaram que as variáveis mais utilizadas para estudar a eficácia coletiva foram autoeficácia e satisfação no trabalho. Notou-se ainda que a maioria das pesquisas utilizou abordagem quantitativa, sendo necessário ampliar os estudos, aplicando técnicas qualitativas.

Também Capelo e Pocinho (2014) que analisaram a influência da autoeficácia na satisfação profissional dos professores portugueses. A amostra foi constituída por 327 professores do 1.º ciclo do ensino básico. Verificou-se que o aumento da "eficácia instrucional" e da "eficácia nos relacionamentos interpessoais" prediz um aumento da satisfação docente na dimensão "relação com a profissão". A uma melhor percepção da "relação interpessoal/institucional" corresponde uma diminuição da "eficácia instrucional" e um aumento da eficácia nos relacionamentos interpessoais.

E por fim Alvarenga (2014) contribuiu com a elaboração de um artigo cujo objetivo foi promover uma compreensão sobre como o conhecimento da autoeficácia do professor para usar tecnologias no ensino pode contribuir no desenvolvimento de Programas e Iniciativas que os ajudem a utilizá-las em suas

aulas, além de identificar e analisar o nível de confiança de professores para realizar as tarefas ou situações específicas que envolvem o uso didático de tecnologias. Participaram do estudo 22 professores de escolas públicas do ensino fundamental e médio. Os resultados sinalizam aspectos importantes a serem considerados em ações que visem promover a integração de recursos tecnológicos ao ensino.

Posto isso, ainda que fique explícita a tentativa de estudar a temática da autoeficácia de forma diferenciada, cabe ressaltar que contribuições sobre a Teoria Social Cognitiva são imprescindíveis para nortear estes estudos, pois independente do público alvo, os constructos e variáveis relacionados à compreensão dos conceitos de autoeficácia oferecem subsídios fundamentais para estudar e compreender a autoeficácia docente.

Considerações Finais

A partir dos estudos apresentados, evidenciou-se que estes basearam suas investigações na Teoria Social Cognitiva, tendo Bandura como o representante mais expressivo. Percebe-se que o constructo da autoeficácia, ou o julgamento que o indivíduo realiza sobre a própria capacidade para agir num dado domínio, tem sido investigado em diferentes áreas do conhecimento, porém em número inexpressivo frente à sua importância na manutenção e no engajamento de programas protetores da saúde e na melhoria da performance e das realizações pessoais e laborais.

A maioria dos artigos buscou avaliar a autoeficácia em docentes principalmente associando-o a fatores ligados à sua satisfação e desempenho, além das relações com o contexto educacional através de variáveis como tempo de atuação na unidade escolar, infraestrutura e formação docente, visto que estas podem ser compreendidas como essenciais nos processos de autoeficácia docente e eficácia coletiva escolar, destacando-se, portanto, a importância dos aspectos de contexto como promotores das crenças a fim de possibilitar suas contribuições para a educação escolar.

Porém em relação às implicações da autoeficácia no adoecimento docente houve apenas um estudo investigando-o, sendo este um fator cada vez mais recorrente no atual cenário brasileiro educacional, visto que a promoção da autoeficácia docente é extremamente relevante, especialmente quando se discute seu papel na prevenção ou intervenção na saúde do professor.

Sendo assim, discussões acerca da autoeficácia no contexto acadêmico precisam ser intensificadas, pois a temática ainda é pouco explorada, necessitando que estas pesquisas sejam mais voltadas ao contexto educacional brasileiro, principalmente no nível superior, onde quase não foi pesquisado, além de seus resultados difundidos por se tratar de um construto de alto poder explicativo para sucessos e fracassos educacionais. Neste sentido, fica o alerta para a necessidade de novos estudos enfocando outros elementos constituintes do contexto educacional, necessários para melhor compreender o papel das crenças de autoeficácia nos ambientes educacionais.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, C. E. A. A contribuição do conhecimento das crenças de auto-eficácia no processo de integração das tecnologias de informação e comunicação com a prática pedagógica. **Psicologia, Ensino & Formação**, Brasília, v.5, n.2, p.38-59. 2014.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: A social cognitive theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1986

_____. Ejercicio de La eficacia personal y colectiva em sociedades cambiantes. In: _____. **Auto-Eficácia: como afrontamos los câmbios de la sociedad actual**. (19-54). Espanha: Bilbioteca de Psicologia Desclée de Brouwer, 1999. p. 19-54

CAPELO, R.; POCINHO, M. Auto-eficácia docente: predição da satisfação dos professores. **Educar em Revista**, Curitiba, n.54, p.175-184, dez.2014.

CASANOVA, D. C. G.; AZZI, R. G. Personal and Collective Efficacy Beliefs Scales to Educators: Evidences of Validity. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 3, p.399-409, set/dez. 2015.

_____. Análise sobre variáveis explicativas da auto-eficácia docente. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 58, p.237-252, dez. 2015.

COSTA, A. E. B. Auto-Eficácia e *Burnout*. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, Maringá, v. 1, n.1, p. 34-67, ago. 2003.

COSTA FILHO, R. A.; IAOCHITE, R. T. Experiências de ensino no estágio supervisionado e auto-eficácia para ensinar educação física na escola. **Revista de Educação Física - UEM**, Maringá, v.26, n.2, p.201-211, jun. 2015.

FERNÁNDEZ-ARATA, J. M. Desempeño docente y su relación con orientación a la meta, estrategias de aprendizaje y autoeficacia: un estudio con maestros de primaria de Lima, Perú. **University Psycholy**, Lima, v.7, n. 2, p. 385-401, ago. 2008.

FERREIRA, L. C. M. Crenças de auto-eficácia docente, satisfação com o trabalho e adoecimento. **Psicologia, Ensino & Formação**, Brasília, v.5, n.2, p.19-37, 2014.

_____. Docência, *Burnout* e considerações da teoria da auto-eficácia. **Psicologia, Ensino & Formação**, Brasília, v.1, n.2, p.23-34, 2010.

FERREIRA, L. C. M.; AZZI, R. G. Docência, *Burnout* e considerações da teoria da auto-eficácia. **Psicologia, Ensino & Formação**, Brasília, v.1, n.2, p. 23-34, 2010.

_____. *Burnout* do professor e crenças de auto-eficácia. **Ecos Revista Científica**, n.26, p. 171-179, jul./dez. 2011.

GUERREIRO-CASANOVA, D. C. Eficácia coletiva escolar: contribuições das crenças de eficácia de docentes e gestores escolares. **Psicologia, Ensino & Formação**, Brasília, v.5, n.2, p.60-80. 2014.

IAOCHITE, R. T. Crenças de eficácia docente e suas origens. **Psicologia, Ensino & Formação**, Brasília, v.5, n.2, p.81-102, 2014.

_____. Auto-eficácia no campo educacional: revisão das publicações em periódicos brasileiros. **Psicologia Escolar e Educação**, Uberlândia, v.20, n.1, p.45-54, abr. 2016.

IAOCHITE, R. T. et al. Auto-eficácia docente, satisfação e disposição para continuar na docência por professores de educação física. **Revista Brasileira de Ciências e Esporte**, Porto Alegre, v.33, n.4, p.825-839, dez. 2011.

NUNES, M. F. O. Funcionamento e desenvolvimento das crenças de auto-eficácia: uma revisão. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.9, n.1, p. 29-42, 2008.

POLYDORO, S. A. J; GUERREIRO-CASANOVA, D. C. Escala de auto-eficácia na formação superior: construção e estudo de validação. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v.9, n.2, p.267-278, ago. 2010.

RAMOS, M. F. H. et al. Caracterização das Pesquisas sobre Eficácia Coletiva Docente na Perspectiva da Teoria Social Cognitiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.32, n.1, p.91-99, mar. 2016.

ROCHA, M. S. A. **Auto eficácia Docente no Ensino Superior**. 2009. 210f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, F. R.; BARROS, M. A.; LISBOA, I. Auto-eficácia Docente: Um Estudo com Professores de Física. **Psicologia América Latina**, São Paulo, n.21, p.48-57, 2011.

SILVA, A. J.; IAOCHITE, R. T.; AZZI, R. G. Crenças de autoeficácia de licenciandos em Educação Física. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 942-949, dez. 2010.

3 ASSOCIAÇÕES ENTRE AUTOEFICÁCIA E *BURNOUT* COM VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E SINTOMATOLÓGICAS DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

RESUMO

A presente pesquisa pretendeu investigar as possíveis correlações entre as crenças de Autoeficácia e a Síndrome de *Burnout* em professores do ensino superior, verificar a prevalência de *Burnout* entre os participantes, assim como averiguar as associações entre a existência de *Burnout* e a percepção da Autoeficácia com características sociodemográficas e sintomas físicos, comportamentais e emocionais. A amostra foi de 356 participantes e foram utilizados dois instrumentos para medição dos construtos em questão: a Escala de Autoeficácia do Professor nas dimensões de Intencionalidade da Ação e Manejo de Classe, e o *MBI - Maslach Burnout Inventory* a partir das dimensões Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Profissional. Para a avaliação dos dados foram aplicadas análises descritivas assim como medidas estatísticas de correlação e associações. Os resultados mostraram haver indicativos da Síndrome de *Burnout* em 41,6% dos docentes nos diversos graus de gravidade, porém ressaltando que apenas 0,3% está em estágio severo. A síndrome tem afetado em maior proporção as mulheres e docentes com menor escolaridade, refletindo diretamente no aumento de afastamento do trabalho por doença, visto que professores com prevalência de *Burnout* apresentam maior cansaço, distúrbios do sono, dores de cabeça e dores musculares no pescoço, ombro e dorso, assim como maior incapacidade de relaxar, além de demonstrarem grande desânimo, impaciência e irritação. Verificaram-se ainda crenças de autoeficácias fortalecidas, porém sintomas como cansaço intenso, distúrbios do sono e desânimo estão relacionados com a percepção da Autoeficácia, sendo que quanto menor a autoeficácia percebida, maior a prevalência destes sintomas. Identificou-se por fim associações significativas entre a presença de *Burnout* e a Autoeficácia docente, indicando que quanto menor a autoeficácia percebida, maior a propensão ao *Burnout*.

Palavras-Chave: *Burnout*. Autoeficácia. Educação. Ensino Superior.

Introdução

Para este estudo foram trazidas apenas as produções encontradas que buscavam associar a autoeficácia com a Síndrome de *Burnout*, visto que os resultados apontam haver associações entre estes constructos, além de indicativos de que a autoeficácia pode ser considerada como preditor do *Burnout*. Considera-se fundamental a descrição de estudos que corroboram estes resultados, além de apontamentos de situações contextuais do trabalho docente que indiquem adoecimento, afastamento e abandono da profissão.

Para Ferreira e Azzi (2010), a autoeficácia pode contribuir significativamente na incidência de *Burnout* em ambientes educacionais. Apoiadas na Teoria Social Cognitiva, as autoras esclarecem que a incidência de *Burnout* nos professores ocorre porque eles se deparam com estressores ocupacionais e não se percebem capazes de enfrentá-los (baixa autoeficácia percebida), evitando-os e tendo como consequência o aumento da exaustão emocional, a despersonalização e a sensação de falta de realização pessoal, ao contrário de professores que se percebem capazes de resolver as questões acadêmicas (alta autoeficácia percebida), direcionando seus esforços para resolvê-las, isto é, despendem esforços ou determinam cursos de ação para a execução das tarefas resolutivas, apresentando autoeficácia percebida para lidar com esses estressores ocupacionais. Sendo assim, os docentes que apresentam crenças percebidas de baixa autoeficácia seriam mais propensos ao *Burnout*, enquanto os com alta autoeficácia estariam mais imunes e se manteriam sadios por mais tempo.

Entre as investigações dos construtos de autoeficácia e *Burnout* no Brasil, Ferreira e Azzi (2011) citam pesquisa piloto, realizada por Costa (2003) com 35 professores brasileiros, cujos resultados apresentaram a incidência de níveis de *Burnout* nesses professores e correlação negativa significativa entre a presença de *Burnout* e autoeficácia percebida. Tais achados, apesar de advirem de estudo piloto, apontam na direção de que associações entre autoeficácia percebida e o desenvolvimento ou não da síndrome são perceptíveis.

Costa (2003) realizou este estudo embasado em pesquisas realizadas com professores na Alemanha e em Hong Kong que investigaram a autopercepção de eficácia geral e específica, atitude proativa e *Burnout*. Os dados indicaram que o alto nível de tensão e insatisfação no trabalho associado aos altos níveis de *Burnout* são negativamente correlacionados com o alto nível de atitude proativa e de autopercepção de eficácia geral e específica. Os dados das pesquisas alemã, chinesa e brasileira sugerem que a percepção de autoeficácia geral e específica de professores, bem como a atitude proativa elevada parece funcionar como antídoto para o *Burnout*, prevenindo a perda de pique, o sentir-se “queimado”.

Outra investigação que igualmente traz contribuições para as discussões acerca da autoeficácia foi desenvolvida por Ferreira e Azzi (2010). As autoras discutiram o processo de *Burnout* do professor a partir dos pressupostos da Teoria Social Cognitiva. Ressaltaram que o entrelaçamento entre a teoria da

autoeficácia pode trazer contribuições relevantes para a “superação do atual cenário da produção de *Burnout* em contextos educativos.” (FERREIRA E AZZI, 2010 p. 35)

Ainda no mesmo estudo, organizaram uma linha de investigação para explicar a associação entre a síndrome de *Burnout* e a autoeficácia docente. Constataram que a diminuição do número de professores no ensino e a incidência de adoecimento desse profissional, além dos baixos índices dos resultados educacionais, sugerem a busca de possibilidades teórico-empíricas para se compreender melhor as relações então estabelecidas.

Ferreira e Azzi (2010) também apresentaram o estudo de Albert (2007) que investigou a relação entre a autoeficácia e o modelo de ensino autônomo no *Burnout* de professores e encontrou correlações negativas e significativas entre a dimensão de exaustão física e emocional e a autoeficácia docente. Investigando ainda a relação entre a autoeficácia percebida de receber suporte no trabalho da direção e de outros professores e os níveis de *Burnout*, encontrou forte correlação negativa entre as variáveis, ou seja, quanto maior a percepção de existência de suporte por parte da diretoria e dos professores, menores os níveis de *Burnout*. No mesmo estudo, constatou o quanto a “autoeficácia percebida para resolver as relações desafiadoras e estressantes entre professores e alunos é um preditor de *Burnout* nesse professor”. (FERREIRA e AZZI, 2010, p. 30).

Ferreira (2011) estudou as relações existentes entre a autoeficácia docente e a Síndrome de *Burnout*, bem como as relações desses dois construtos com as variáveis pessoais, contextuais e estruturais da função docente em 100 professores do ensino médio do estado de Minas Gerais. Foram encontradas médias moderadas de autoeficácia docente e níveis médios significativos de *Burnout*. As correlações inversas verificadas entre os dois construtos foram significativas entre as duas dimensões da escala de autoeficácia docente, e os três fatores de *Burnout* docente, com destaque para os indicativos de falta de realização profissional, sendo que autoeficácia docente, nas duas dimensões investigadas, correlacionou-se negativamente com as três dimensões do *Burnout* do docente. Tal achado indica ser possível considerar a crença de autoeficácia docente como preditora do desenvolvimento de *Burnout* nos professores investigados.

A partir destes resultados, Ferreira (2014) considera que assim como ocorreu no estudo piloto de Costa (2003), o indicativo é válido para se buscarem propostas de melhoria das condições de trabalho do professor. Os resultados

encontrados nesta investigação sinalizam “a necessidade sistemática de se ampliar o foco na direção de tentativas explicativas e efetivas que permitam uma intervenção que altere esse cenário de precarização das condições do trabalho docente”. (FERREIRA, 2014, p. 33)

Em estudo mais recente, Carlotto (2015) avaliou se a autoeficácia funcionaria como variável mediadora na relação entre a sobrecarga de trabalho e as dimensões de *Burnout* em 982 professores de escolas públicas e privadas. Os resultados obtidos confirmaram a hipótese de que a autoeficácia desempenha um papel mediador entre a sobrecarga de trabalho e as dimensões de *Burnout*, apontando para a importância de intervenções que contemplem o desenvolvimento da autoeficácia em professores como medida de prevenção ou reabilitação da Síndrome de *Burnout*.

Há, portanto, de acordo com as contribuições teóricas aqui tecidas, a relevância no desenvolvimento de estudos sobre *Burnout* relacionando-as com a autoeficácia no contexto educacional, especificamente com os docentes, devido à baixa incidência de estudos na área. Dessa forma, este estudo veio com o intuito de ampliação de novos estudos e validação de resultados acerca da hipótese de que as crenças disfuncionais de Autoeficácia podem potencializar os sintomas da Síndrome de *Burnout* em professores, provocando adoecimento e comprometimento do desempenho.

Sendo assim, pretendeu-se investigar as possíveis correlações entre as crenças de Autoeficácia e a Síndrome de *Burnout* em professores do ensino superior, verificar a incidência de *Burnout* entre os participantes, assim como averiguar as associações entre a existência de *Burnout* e a percepção da Autoeficácia com características sociodemográficas e sintomas físicos, comportamentais e emocionais.

Método

Desenho da Pesquisa

A pesquisa teve caráter quantitativo, tanto na coleta de informações através de questões fechadas, previamente estabelecidas num questionário, quanto no tratamento através de análise estatística dos dados. Os métodos quantitativos de

pesquisa são utilizados fundamentalmente para descrever uma variável quanto a sua tendência central e frequência em grandes populações, ao se realizar um estudo do tipo prevalência de uma situação em dada população. (VÍCTORA et al., 2000)

Também foi configurada como um estudo transversal, descrevendo uma situação/fenômeno em um intervalo de tempo, apresentando-se como uma fotografia ou corte instantâneo que se faz numa população por meio de uma amostragem, examinando nos integrantes da amostra a presença ou ausência da situação/fenômeno analisado. (HOCHMAN et al., 2005)

Participantes

A amostra foi composta por 356 docentes de ensino superior de diversas regiões brasileiras. Destes professores, 54,1 % eram do sexo masculino e 45,9% do sexo feminino, sendo que 14,1% estão na faixa de 20 a 30 anos, 43,4% entre 31 a 40 anos, 28,7% tem de 41 a 50 anos, 12,1% de 51 a 60 anos e 1,7% a partir de 61 anos. Em relação ao estado civil, 23,9% são solteiros, 66,6% casados, 7,9% divorciados, 0,6% viúvos e 1,1% declararam ter outro estado civil além dos já citados (Tabela 1).

TABELA 1 – Categorização dos professores pesquisados de acordo com sexo, faixa etária e estado civil

Participantes	Nº	%
<i>Sexo</i>		
Masculino	193	54,1
Feminino	164	45,9
Total	356	100
<i>Faixa Etária</i>		
20 a 30 anos	50	14,1
31 a 40 anos	155	43,4
41 a 50 anos	102	28,7
51 a 60 anos	44	12,1
A partir de 61 anos	06	1,7
Total	356	100
<i>Estado Civil</i>		
Solteiro	85	23,9
Casado	238	66,6
Divorciado	28	7,9
Viúvo	02	0,6
Outros	04	1,1
Total	356	100

Quanto ao nível de escolaridade, a maior parte dos docentes tem mestrado (45,6%), 23,1% tem Pós-graduação/especialização, 21,4% são doutores, 7% Pós-doutores, e 2,8% possuem o Ensino Superior, formados nas áreas humanas (53,7%), exatas (17,2%) e biológicas (29,1%), atuando em instituições públicas (12,5%), privadas (73,3%), sendo que 14,2 % atuam em ambas as instituições (Tabela 2).

TABELA 2 – Categorização dos professores pesquisados de acordo com grau de escolaridade, área de formação e tipo de instituição de atuação

Participantes	Nº	%
<i>Grau de Escolaridade</i>		
Ensino superior	10	2,8
Pós-graduação/especialização	83	23,1
Mestrado	163	45,6
Doutorado	76	21,4
Pós-doutorado	25	7
Total	356	100
<i>Área de Formação</i>		
Biológicas	104	29,1
Exatas	62	17,2
Humanas	191	53,7
Total	356	100
<i>Instituição de Atuação</i>		
Instituição Pública	44	12,5
Instituição Privada	262	73,3
Ambas	51	14,2
Total	356	100

Instrumentos

MBI - Maslach Burnout Inventory (1986) – forma ED – professores (ANEXO A), - considerado um dos instrumentos mais usado mundialmente para o levantamento de sintomas de *Burnout*. Esse inventário é autoaplicado e totaliza 22 itens. Ele avalia como o sujeito vivencia o trabalho de acordo com três dimensões estabelecidas pelo Modelo de *Maslach*: Exaustão Emocional, Realização Profissional e Despersonalização. De seus 22 itens, 9 são relativos à dimensão Exaustão Emocional (EE) onde são descritos os sentimentos de esgotamento emocional e exaustão com o trabalho, 5 itens à Despersonalização (DE) que nomeiam respostas impessoais, insensibilidade para com os utentes dos serviços, onde a ligação de ajuda está visível, e 8 itens à Realização Profissional (RP) que traduzem sentimentos ao nível da capacidade e sucesso alcançados, no trabalho com pessoas. Os itens indicam a frequência das respostas, numa escala de pontuação que varia de 0 a 6, indo do “0” como “nunca” a “6” como “todos os dias”.

Para a identificação da prevalência da Síndrome de *Burnout*, a escala MBI - *Maslach Burnout Inventory* (1986) foi avaliada a partir das 3 dimensões:

Exaustão Emocional, Realização Profissional e Despersonalização. A Exaustão Emocional (EE) é composta pelas questões 1, 2, 3, 6, 8, 13, 14, 16, e 20, que traduzem sentimentos de se estar emocionalmente exausto e esgotado com o trabalho; a Despersonalização (DP) é formada pelos itens 5, 10, 11, 15 e 22 que descrevem respostas impessoais; e por último a Realização Pessoal (RP), é constituída pelas questões 4, 7, 9, 12, 17, 18, 19 e 21, que descrevem sentimentos relacionados ao nível da capacidade e sucessos alcançados no trabalho com pessoas, esta última está inversamente correlacionada com a síndrome.

Para cada dimensão é atribuída uma pontuação "*alta*", "*média*" ou "*baixa*". No caso da Exaustão Emocional, é considerada alta pontuação quando existem valores acima dos 27 pontos, entre 17-26 pontos tem-se um indicador de pontuação média e abaixo de 16 pontos, pontuação baixa. Quanto à Despersonalização, as pontuações superiores a 13 são consideradas altas, de 7 a 12 pontos, pontuações médias, e inferior a 6 pontos, pontuação baixa. Por último, a Realização Pessoal, onde valores até 30 pontos são considerados altos, entre 31 a 36 pontos scores médios e valores acima de 37 pontos, pontuação baixa.

O *Burnout* pode ser classificado, de acordo com os estágios de gravidade, como "*fraco*", "*moderado*" e "*severo*", com base no número de dimensões afetadas. Considera-se gravidade fraca ou em quadro inicial quando apenas uma dimensão é afetada, gravidade moderada, quando se tem afetada duas dimensões, e gravidade severa quando as três dimensões são afetadas. Uma pontuação alta em EE ou DP ou baixa em RP já suficiente para a existência da Síndrome de *Burnout*, porém considera-se um quadro instalado de *Burnout* para uma pessoa que revele altas pontuações em EE e DP, associadas a baixas pontuações em RP.

Escala de Autoeficácia do Professor (Polydoro, Winterstein, Azzi, Carmo e Venditti Junior, 2004) (ANEXO II) - composta por 24 itens, onde os itens indicam a frequência das respostas, numa escala de pontuação que varia de 1 a 6 pontos, indo do "1" para "*Pouco*" a "6" para "*Muito*". A Autoeficácia da Escala de Autoeficácia do Professor é avaliada a partir de dois fatores: Intencionalidade da Ação Docente e Manejo de Classe. O primeiro fator foi denominado de Eficácia na Intencionalidade da Ação docente, composta por 14 questões (2, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20 e 23), e representam a crença do professor na capacidade de mediar o ensino e mobilizar o estudante para a realização da atividade. São exemplos de itens desse fator: "Quanto você pode fazer para motivar alunos (as)

que demonstram baixo interesse na atividade?”, “Quanto você pode ajudar seus alunos (as) a dar valor à aprendizagem?”, entre outros. O segundo fator denominado de Eficácia no Manejo da Classe é composto por 10 questões (1, 3, 5, 7, 8, 13, 16, 21, 22 e 24), representando a crença do professor para lidar e gerenciar os múltiplos aspectos do cotidiano da aula. “Quanto você pode fazer para lidar com os alunos mais difíceis?”, “Quão bem você pode estabelecer rotinas para manter as atividades acontecendo de forma tranquila?” são alguns exemplos de itens que compõem esse fator.

Considerando-se o ponto médio da escala, foram classificados os graus ou níveis de Autoeficácia total a partir das duas dimensões com base nos resultados dos estudos brasileiros de Rocha (2009). As respostas com pontuação entre 1 e 2,9 foram consideradas indicativas de baixa autoeficácia docente; aquelas entre 3 e 4,9, como indicativas de autoeficácia docente moderada; e aquelas entre 5 e 6, como resultados elevados de autoeficácia. Observando-se as médias totais, tanto nas dimensões de Intencionalidade da Ação Docente e Manejo de Classe, como na pontuação da escala total de Autoeficácia, é possível encontrar os níveis de Autoeficácia nos participantes.

Questionário de Caracterização Sociodemográfica e Saúde (APÊNDICE A), composto de três blocos de questões: Dados Pessoais (sexo, faixa etária, estado civil, filhos, cor, necessidade especial), Dados Profissionais (grau de escolaridade, área de formação, atuação na docência, tempo na docência, número de aulas/semana, outra atividade remunerada além da docência, jornada diária de trabalho total (em todas as ocupações), expectativas profissionais para os próximos 5 anos), Dados de Saúde e Bem-Estar (atual situação de saúde, atividade física/esportes, atividade de lazer, faltas ao trabalho, afastamento do trabalho no último ano por motivo de doença, interferência do trabalho na saúde e qualidade de vida, sintomas físicos, comportamentais e emocionais apresentados no último ano, relação dos sintomas sinalizados com trabalho).

Procedimentos de Coleta De Dados

Inicialmente foi realizado o encaminhamento do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Protocolo de Aprovação no CEP n. 2723 e Plataforma Brasil - CAAE: 47576715.2.0000.5515). Os instrumentos foram aplicados

via formato eletrônico, sendo todo procedimento de coleta de dados via web, onde as escalas e o questionário foram preenchidos pelos próprios professores. Estudos dessa natureza on line já foram realizados, como por Rocha (2009), e obtiveram sucesso na obtenção dos dados.

Foi disponibilizado um endereço eletrônico durante o período de abril a agosto de 2016 para preenchimento dos instrumentos. O tempo estimado de resposta a todos os instrumentos foi de 20 minutos. Lá também constava o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Procedimentos de Análise de Dados

Para as análises dos dados foi utilizado o SPSS (*Statistical Package of Social Sciences*) 20.0. Foram geradas as estatísticas descritivas (frequências e percentuais) a partir das escalas aplicadas e do questionário sociodemográfico para a caracterização da amostra, além das análises de correlação e associações entre as categorias.

A verificação da presença e ausência de *Burnout* e a percepção da Autoeficácia em baixa, média e alta, assim como as associações entre as variáveis sexo, faixa etária, estado civil, grau de escolaridade, área de formação, atuação na docência, tempo na docência, jornada diária de trabalho, classificação da situação da saúde pelo participante, atividade física/esportes, lazer, afastamento do trabalho, além dos sintomas físicos, comportamentais e emocionais foram analisadas pelo teste *Qui-quadrado*. O *Qui-quadrado* é um teste de associação entre variáveis, cujo objetivo é verificar se a distribuição das frequências observadas se desvia significativamente de frequências esperadas. Foi utilizado junto com o teste *Qui-quadrado* para as análises de associações de Autoeficácia a correção do teste exato de Fisher devido a algumas indicações por categoria serem menores que 5 respostas. Adotou-se a significância de $P > 0,05$, considerando-se que valor P menor ou igual a 0,05 indica que há associações significativas entre as variáveis comparadas (BARROS et al., 2012).

Ainda no que diz respeito à análise dos dados, foi estimada a correlação de *Pearson* entre os escores das duas escalas. O coeficiente de correlação de *Pearson* é uma medida do grau de relação linear entre duas variáveis quantitativas. Este coeficiente varia entre os valores -1 e 1. O valor 0 significa que

não há relação linear, o valor 1 indica uma relação linear perfeita e o valor -1 também indica uma relação linear perfeita mas inversa, ou seja, quando uma das variáveis aumenta a outra diminui. Quanto mais próximo de 1 ou -1, mais forte é a associação linear entre as duas variáveis.

Para análise da correlação de *Pearson* entre as dimensões da Autoeficácia docente (Intencionalidade da Ação e Manejo de classe) e as dimensões de *Burnout* (Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Profissional) foram adotados como critério: valores correlacionados acima de 0,70, como indicativos de uma “forte correlação”; valores entre 0,30 e 0,70, como indicativos de “correlação moderada”; e valores abaixo de 0,30, como indicativos de “fraca correlação” (ROCHA, 2009).

Resultados

Optou-se pela busca de variáveis associadas à incidência de *Burnout* e à Autoeficácia baixa, realizando estudo exploratório e ampliando as análises não contempladas nas investigações anteriores e às quais se recorreu para fundamentar este trabalho.

Em relação aos dados referentes à *Burnout*, na Tabela 3 são apresentados os valores da prevalência de acordo com as dimensões e gravidade. Observa-se que 41,6% dos sujeitos estão afetados pelo *Burnout*, sendo que 58,4% não apresentam a síndrome. Dentro das dimensões, no que diz respeito à Exaustão Emocional, 25,3% apresenta-se com alta EE, 26,1% com média EE e 48,6% com baixa EE. Referindo-se à Despersonalização, temos 11,8% dos participantes com alta DP, 19,1% com média DP e 69,1% com baixa DP. Quanto à Realização Profissional, 15,4% tem baixa RP, 34,8% tem média RP e 49,7% alta RP.

TABELA 3 – Incidência de *Burnout* de acordo com as dimensões Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Profissional, presença ou ausência e gravidade de *Burnout* dos docentes do ensino superior

Incidência	Nº	%
<i>Incidência de Burnout</i>		
Presença	148	41,6
Ausência	208	58,4
Total	356	100
<i>Dimensão Exaustão Emocional</i>		
Baixa	173	48,6
Média	93	26,1
Alta	90	25,3
Total	356	100
<i>Dimensão Despersonalização</i>		
Baixa	246	69,1
Média	68	19,1
Alta	42	11,8
Total	356	100
<i>Dimensão Realização Profissional</i>		
Baixa	55	15,4
Média	124	34,8
Alta	177	49,7
Total	356	100
<i>Gravidade de Burnout</i>		
Fraco	110	30,9
Moderado	37	10,4
Severo	1	0,3
Total	148	41,6

Sendo assim, pode-se determinar a gravidade de *Burnout* dos docentes pesquisados em função do número de dimensões afetadas (EE alta, DP alta ou RP baixa), sendo que 30,9% dos sujeitos apresentam-se atingidos em uma única dimensão (gravidade fraca), 10,4% afetados em duas dimensões (gravidade moderada) e 0,3% afetados em 3 dimensões (gravidade severa).

Buscou-se ainda verificar as possíveis associações entre *Burnout* e as variáveis sociodemográficas, características profissionais, aspectos de saúde e bem estar e sintomas, demonstradas nas tabelas 4, 5 e 6.

TABELA 4 – Associação das características sociodemográficas com a presença de *Burnout* em docentes do ensino superior

Categoria	Presença <i>Burnout</i> %	P
<i>Sexo</i>		
Masculino	32,9	0,002
Feminino	49	
<i>Faixa Etária</i>		
De 20 a 30 anos	48	0,204
De 31 a 40 anos	40,3	
De 41 a 50 anos	46,1	
De 51 a 60 anos	32,6	
A partir de 61 anos	16,7	
<i>Estado Civil</i>		
Solteiro	42,4	0,737
Casado	40,9	
Divorciado	42,9	
Viúvo	0	
Outros	75	
<i>Grau de Escolaridade</i>		
Ensino superior	60	0,021
Pós-graduação/especialização	45,8	
Mestrado	43,2	
Doutorado	33,3	
Pós-doutorado	32	

De acordo com a Tabela 4, verifica-se que existem associações significativas entre a presença de *Burnout* e sexo ($P=0,002$), havendo uma maior proporção da presença da Síndrome de *Burnout* entre as mulheres (49%). Nas associações entre *Burnout* e Grau de escolaridade ($P=0,021$), as maiores prevalências de *Burnout* estão entre os docentes com menor escolaridade. Não foram verificadas associações significativas entre *Burnout* e Faixa Etária ($P=0,204$), e *Burnout* e Estado Civil ($P=0,737$).

TABELA 5 – Associação das características profissionais com a presença de *Burnout* em docentes do ensino superior

Categoria	Presença <i>Burnout</i> %	P
<i>Área de Formação</i>		
Biológicas	38,8	0,529
Exatas	41	
Humanas	42,6	
<i>Atuação na Docência</i>		
Instituição Pública	37,8	0,848
Instituição Privada	42,5	
Ambas	40	
<i>Tempo na Docência</i>		
Menos de 6 meses	14,3	0,291
De 6 meses a 5 anos	39,4	
De 5 ano a 10 anos	43,2	
Mais de 10 anos	43,3	
<i>Jornada Diária de Trabalho</i>		
Até 4 horas/dia	36,7	0,088
De 5 a 8 horas/dia	35,4	
De 9 a 12 horas/dia	44,1	
Mais de 12 horas/dia	47,4	

Em relação às características profissionais, observam-se na Tabela 5 que não foram identificadas associações entre as características profissionais e a presença e ausência de *Burnout* ($P < 0,05$), em função da área de formação ($P = 0,529$), atuação na docência ($P = 0,848$), tempo na docência ($P = 0,291$), e jornada diária de trabalho ($P = 0,088$).

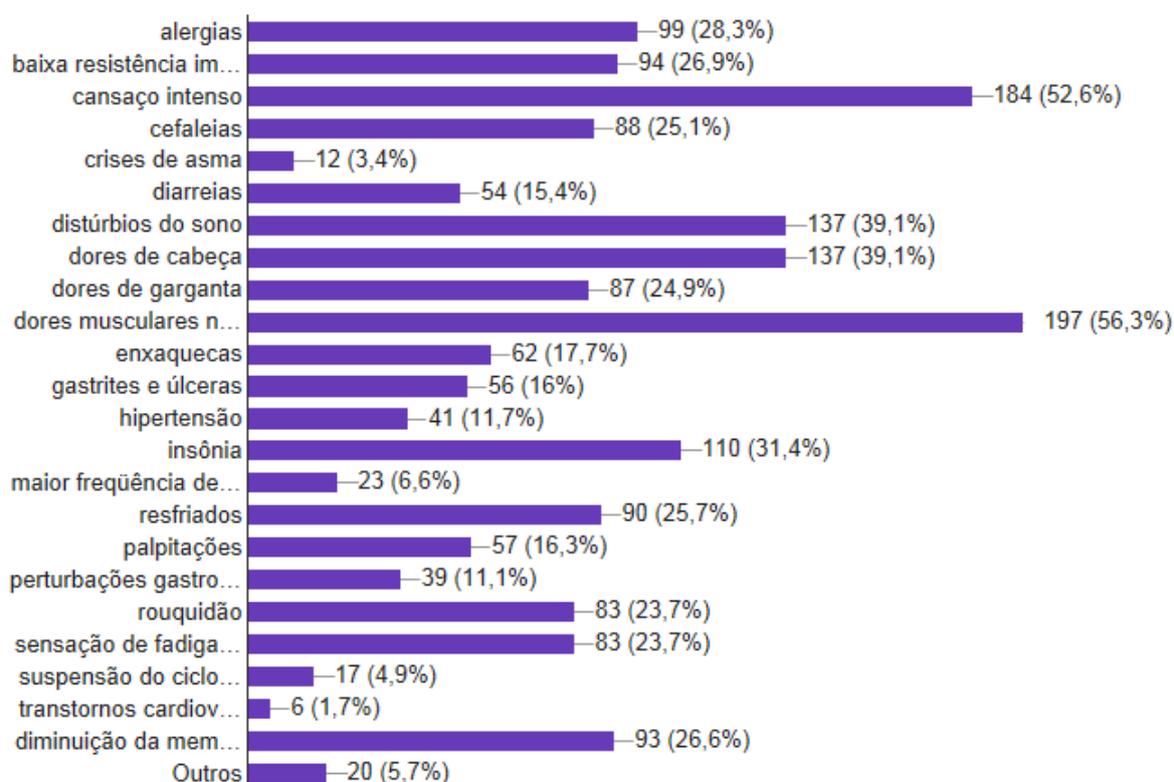
TABELA 6 – Associação de aspectos de saúde e bem estar com a presença de *Burnout* em docentes do ensino superior

Categoria	Presença <i>Burnout</i> %	P
<i>Situação da Saúde</i>		
Ótima	32,6	>0,001
Boa	33,7	
Regular	62	
Ruim	66,7	
Péssima	100	
<i>Atividade Física/Esportes</i>		
Nunca ou raramente	46,6	0,095
1 a 3 vezes na semana	38	
Mais de 3 vezes na semana	35,7	
<i>Lazer</i>		
Semanalmente	44,8	0,095
Mensalmente	32,8	
Nunca ou raramente	35,7	
<i>Afastamento do Trabalho</i>		
Sim	60,3	0,006
Não	37,8	

Na Tabela 6 podemos observar que existe associação significativa entre a classificação de saúde e *Burnout* ($P < 0,001$), sendo que quanto pior sua percepção sobre sua saúde, maior é a prevalência de *Burnout*. Associação significativa também foi observada com o afastamento do trabalho e a presença de *Burnout* ($P = 0,006$). Neste sentido, docentes que apresentaram afastamento no último ano tem maior incidência de *Burnout* em relação àqueles que não estiveram afastados. Quanto à atividade física/esportes e lazer não foram encontradas associações significativas ($P = 0,095$).

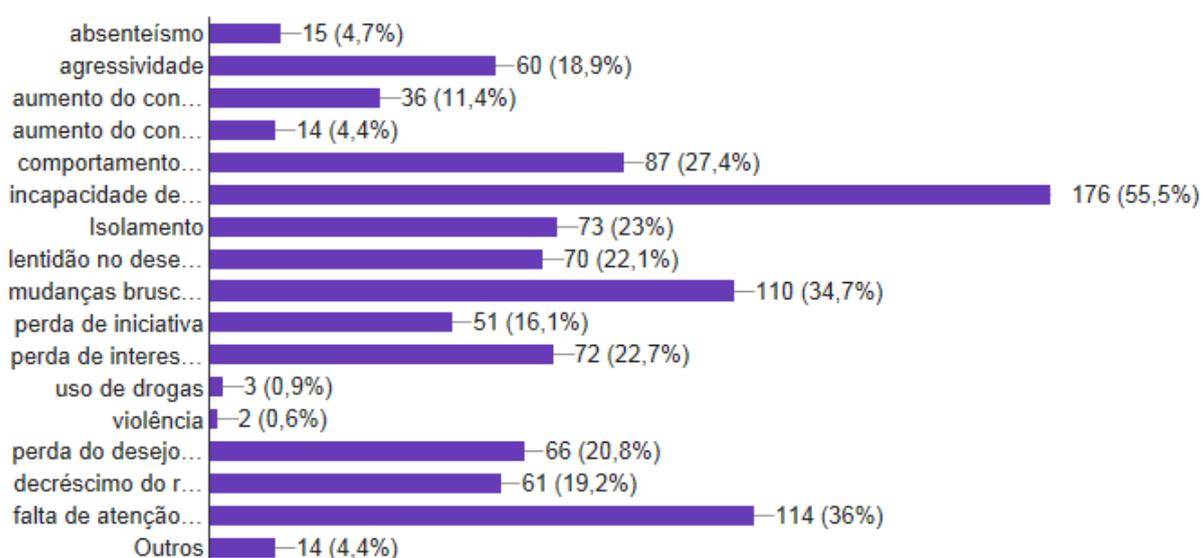
Dando sequência nas análises dos dados buscou-se verificar as associações em relação aos sintomas, procurando elementos que permitam a caracterização da sintomatologia de *Burnout*. Para tanto, nos Gráficos 1, 2 e 3 são apresentados os resultados absolutos e em porcentagem apontados pelos docentes pesquisados a partir de cada um dos sintomas físicos, comportamentais e emocionais coletados a partir do Questionário sociodemográfico e de saúde.

GRÁFICO 1 – Prevalência de Sintomas Físicos apresentados pelos docentes do ensino superior



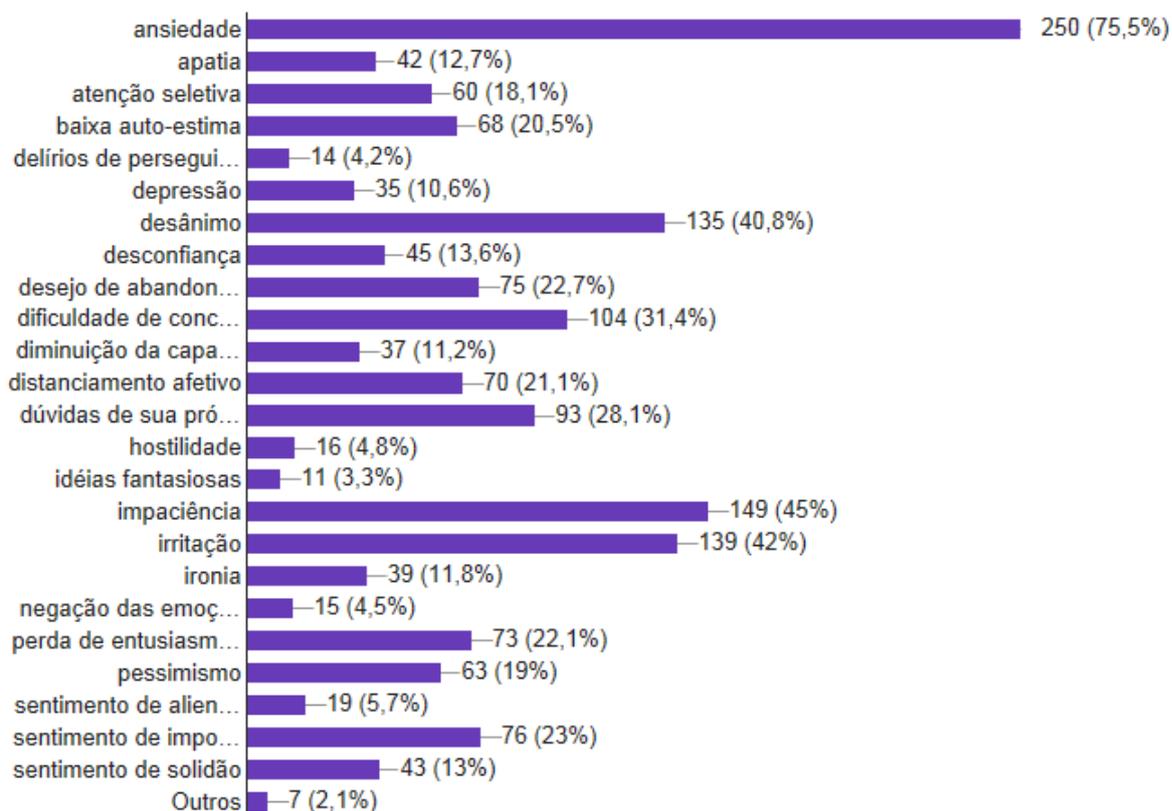
Verifica-se que os sintomas físicos com maior indicação são dores musculares no pescoço, ombro e dorso (56,3%), cansaço intenso (52,6%), distúrbios do sono (39,1%), dores de cabeça (39,1%) e insônia (31,4%).

GRÁFICO 2 - Prevalência de Sintomas Comportamentais apresentados pelos docentes do ensino superior



Quanto aos sintomas comportamentais, se destacam a incapacidade de relaxar (55,5%), mudanças bruscas de humor (34,7%) e falta de atenção e concentração (36%).

GRÁFICO 3 - Prevalência de Sintomas Emocionais apresentados pelos docentes do ensino superior



No que diz respeito aos sintomas emocionais, tiveram maior indicação ansiedade (75,5%), impaciência (45%), irritação (42%), desânimo (40,8%) e dificuldade de concentração (31,4%).

Para a análise da associação dos sintomas com as demais categorias de *Burnout* e Autoeficácia foram considerados aqueles que apresentaram acima de 35% de incidência nos Gráficos 1, 2 e 3, sendo a determinação dos valores indicativos realizada de forma arbitrária de acordo com os maiores destaques.

TABELA 7 – Associação dos sintomas físicos, comportamentais e emocionais mais prevalentes com a presença de *Burnout* em docentes do ensino superior

Sintoma	Presença <i>Burnout</i> %	P
<i>Físicos</i>		
Cansaço intenso	54,9	>0,001
Distúrbios do sono	53,3	>0,001
Dores de cabeça	56,9	>0,001
Dores musculares no pescoço, ombro e dorso	48,2	0,005
<i>Comportamentais</i>		
Incapacidade de relaxar	49,4	0,003
Falta de atenção e concentração	48,2	0,080
<i>Emocionais</i>		
Ansiedade	43,6	0,233
Desânimo	52,6	0,001
Impaciência	54,4	>0,001
Irritação	54,7	>0,001

A partir das associações dos sintomas com as demais categorias estudadas, verifica-se que todos os sintomas considerados na análise estão relacionados à prevalência de *Burnout*, exceto falta de atenção e concentração (P=0,080) e ansiedade (P=0,233), estando estes sintomas associados a outras causas, não tendo relação com *Burnout*.

Em relação aos resultados indicativos da Autoeficácia Docente, são apresentadas na Tabela 8 segundo as dimensões de Intencionalidade da Ação e Manejo de Classe constantes na escala de autoeficácia docente, assim como os valores totais da Autoeficácia Docente.

TABELA 8 – Incidência de Autoeficácia de acordo com a classificação alta, média e baixa e as dimensões Intencionalidade da Ação e Manejo de Classe dos docentes do ensino superior pesquisados

Incidência	Nº	%
<i>Dimensão Intencionalidade da Ação</i>		
Baixa	08	2,3
Média	166	48,4
Alta	169	49,3
Total	356	100
<i>Dimensão Manejo de Classe</i>		
Baixa	10	2,8
Média	196	55,1
Alta	150	42,1
Total	356	100
<i>Autoeficácia</i>		
Baixa	8	2,4
Média	179	53,4
Alta	148	44,2
Total	356	100

Observa-se que 44,2% dos sujeitos possuem autoeficácia alta, 53,4% média autoeficácia e 2,4% autoeficácia baixa docente. Dentro das dimensões, apenas 2,3% dos sujeitos possuem baixa Intencionalidade da Ação, assim como visto em Manejo de Classe (2,8%). Possuem alta Intencionalidade da Ação (49,3%) e Manejo de Classe (42,1%), estando com níveis moderados 48,4% dos sujeitos em Intencionalidade da Ação e 55,1% em Manejo de Classe.

Da mesma forma realizada com a Síndrome de *Burnout*, buscou-se verificar as possíveis associações entre as percepções da Autoeficácia e as variáveis sociodemográficas, características profissionais, aspectos de saúde e bem estar e sintomas.

TABELA 9 – Associação das características sociodemográficas com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior

Categoria	Autoeficácia %			P
	Baixa	Média	Alta	
<i>Sexo</i>				
Masculino	2,4	53	44,5	0,889
Feminino	2,1	51	46,9	
<i>Faixa Etária</i>				
De 20 a 30 anos	6	64	30	0,184
De 31 a 40 anos	1,3	53,2	45,5	
De 41 a 50 anos	2	49	49	
De 51 a 60 anos	2,3	41,9	55,8	
A partir de 61 anos	0	50	50	
<i>Estado Civil</i>				
Solteiro	3,5	55,3	41,2	0,248
Casado	1,3	51,5	47,3	
Divorciado	7,1	46,4	46,4	
Viúvo	0	0	100	
Outros	0	75	25	
<i>Grau de Escolaridade</i>				
Ensino superior	0	70	30	0,270
Pós-graduação/especialização	2,4	42,2	55,4	
Mestrado	3,7	51,2	45,1	
Doutorado	0	60	40	
Pós-doutorado	0	60	40	

De acordo com a Tabela 9, verifica-se que não foram identificadas associações entre as características sociodemográficas com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior ($P < 0,05$) nas categorias Sexo ($P = 0,889$), Faixa Etária ($P = 0,184$), Estado Civil ($P = 0,248$), e Grau de Escolaridade ($P = 0,270$).

TABELA 10 – Associação das características profissionais com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior

Categoria	Autoeficácia %			P
	Baixa	Média	Alta	
<i>Área de Formação</i>				
Biológicas	1	56,3	42,7	0,694
Exatas	3,3	52,5	44,3	
Humanas	2,6	49,5	47,9	
<i>Atuação na Docência</i>				
Instituição Pública	6,7	53,3	40	0,313
Instituição Privada	1,9	51,7	46,3	
Ambas	0	54	46	
<i>Tempo na Docência</i>				
Menos de 6 meses	0	28,6	71,4	0,796
De 6 meses a 5 anos	2,9	51,9	45,2	
De 5 ano a 10 anos	2,3	55,7	42	
Mais de 10 anos	1,9	51	47,1	
<i>Jornada Diária de Trabalho</i>				
Até 4 horas/dia	3,3	33,3	63,3	0,327
De 5 a 8 horas/dia	2,7	54	43,4	
De 9 a 12 horas/dia	1,5	55,9	42,6	
Mais de 12 horas/dia	2,6	48,7	48,7	

Da mesma forma, em relação às características profissionais, não foram identificadas associações entre as características profissionais e a presença e ausência de *Burnout* ($P < 0,05$), em função da área de formação ($P = 0,694$), atuação na docência ($P = 0,313$), tempo na docência ($P = 0,796$), e jornada diária de trabalho ($P = 0,327$), conforme demonstra a Tabela 10.

TABELA 11 – Associação de aspectos de saúde e bem estar com a com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior

Categoria	Autoeficácia %			P
	Baixa	Média	Alta	
<i>Situação da Saúde</i>				
Ótima	0	44,2	55,8	>0,001
Boa	0,6	52,4	47	
Regular	5,1	63,3	31,6	
Ruim	0	50	50	
Péssima	100	0	0	
<i>Atividade Física/Esportes</i>				
Nunca ou raramente	3,1	53,4	43,6	0,779
1 a 3 vezes na semana	1,3	52	46,7	
Mais de 3 vezes na semana	2,4	47,6	50	
<i>Lazer</i>				
Semanalmente	2,4	53,2	44,4	0,954
Mensalmente	1,6	50,8	47,5	
Nunca ou raramente	2,4	47,6	50	
<i>Afastamento do Trabalho</i>				
Sim	5,2	55,2	39,7	0,159
Não	1,7	51,4	47	

Na Tabela 11 podemos observar que existe associação significativa entre a classificação de saúde e a percepção da Autoeficácia ($P < 0,001$) visto que quem tem a autoeficácia mais elevada se percebe com a saúde boa ou ótima, ao passo que aqueles que consideraram sua saúde péssima tem baixa autoeficácia. Em relação à atividade física/esportes ($P = 0,779$), lazer ($P = 0,954$) e Afastamento do Trabalho ($P = 0,159$) não foram encontradas associações significativas.

TABELA 12 – Associação dos sintomas físicos, comportamentais e emocionais mais prevalentes com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta em docentes do ensino superior

Sintoma	Autoeficácia %			P
	Baixa	Média	Alta	
<i>Físicos</i>				
Cansaço intenso	87,5	59,5	41,1	>0,001
Distúrbios do sono	75	41,1	33,7	0,036
Dores de cabeça	37,5	38,9	38	0,975
Dores musculares no pescoço, ombro e dorso	75	56,2	53,4	0,475
<i>Comportamentais</i>				
Incapacidade de relaxar	87,5	49,2	47,9	0,097
Falta de atenção e concentração	37,5	36,8	26,4	0,097
<i>Emocionais</i>				
Ansiedade	100	71,9	66,9	0,099
Desânimo	87,5	41,6	31,3	0,002
Impaciência	62,5	45,4	36,8	0,125
Irritação	75	40,5	35,6	0,079

A partir das associações dos sintomas com as demais categorias estudadas, verifica-se que cansaço intenso ($P=>0,001$), distúrbios do sono ($P=0,036$) e desânimo ($P=0,002$) estão relacionados com a percepção da Autoeficácia, ou seja, quanto menor a autoeficácia percebida, maior a prevalência destes sintomas. Dores de cabeça ($P=0,975$), dores musculares no pescoço, ombro e dorso ($P=0,475$), incapacidade de relaxar ($P=0,097$), falta de atenção e concentração ($P=0,097$), ansiedade ($P=0,099$), impaciência ($P=0,125$) e irritação ($P=0,079$) não possuem associações significativas ($P<0,05$), estando estes sintomas associados a outras causas, não tendo relação com percepção da Autoeficácia.

Quanto aos dados correlacionais e de associações entre *Burnout* e autoeficácia, estes são apresentados na Tabela 13 e Tabela 14.

TABELA 13 – Associação entre a presença *Burnout* e com a percepção da Autoeficácia em Baixa, Média e Alta Autoeficácia em docentes do ensino superior

Autoeficácia	Presença <i>Burnout</i> %	P
Baixa	87,5	
Média	40,5	0,034
Alta	40,5	

Percebe-se, a partir dos resultados apresentados na Tabela 13, que há associações significativas entre a presença de *Burnout* e a Autoeficácia ($P=0,034$), visto que entre os docentes que apresentam *Burnout*, 87,5% tem autoeficácia baixa, ao passo que entre aqueles que têm média e alta autoeficácia, a prevalência de *Burnout* cai pra 40, 5% em cada.

TABELA 14 – Correlações entre as dimensões de *Burnout* Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Pessoal e dimensões de Autoeficácia Intencionalidade de Ação e Manejo de Classe

Dimensões de <i>Burnout</i>	Intencionalidade de Ação	Manejo de Classe
Exaustão Emocional	-0,367	-0,386
Despersonalização	-0,475	-0,474
Realização Pessoal	0,508	0,539

Verifica-se, de maneira geral, que há uma moderada correlação entre *Burnout* e Autoeficácia Docente. Os indicativos demonstram uma correlação inversa de nível moderado em relação à Exaustão Emocional, indicando que quando aumenta a EE, diminui a Intencionalidade da Ação (-0,386) e Manejo de Classe (-0,386). O mesmo pode ser visto em relação à Despersonalização, com correlação inversa moderada para Intencionalidade da Ação (-0,475) e Manejo de Classe (-0,474). Já em relação à Realização Profissional, é possível verificar que estão na mesma direção, ou seja, quando diminui a RP, diminui também a Intencionalidade da Ação (0,508) e Manejo de Classe (0,539), demonstrando, portanto, uma correlação moderada nestes constructos, verificando que esta é das dimensões de *Burnout* a que mais se correlaciona com a autoeficácia.

Discussão

De acordo com os resultados do estudo, 41,6% dos docentes do ensino superior pesquisados estão afetados pelo *Burnout*, um quadro estritamente laboral onde se percebe sentimentos de fracasso e exaustão aliados ao surgimento de problemas psicológicos e físicos resultando em esgotamento e decepção, acompanhada pela perda de interesse no trabalho, de acordo com Garcia et al. (2003).

Há três dimensões específicas ao *Burnout*, conforme relatam Lopes e Pontes (2009): Exaustão Emocional (perda de energia e entusiasmo na prática profissional), Despersonalização (tratar de maneira distante os colegas, alunos e todos os envolvidos na instituição escolar, o chamado endurecimento afetivo, “coisificação” da relação) e falta de Realização Profissional (o trabalhador se sente insatisfeito com seu desempenho profissional, avaliando-se de forma negativa). Entre os professores pesquisados, 25,3% apresentam-se com alta Exaustão Emocional, revelando-se emocionalmente esgotados e drenados pelo seu trabalho, com a sensação de estarem exauridos e usados no final de um dia de trabalho, como se estivessem com a “corda para arrebentar” por considerarem que estão trabalhando muito duro. Em relação à Despersonalização, temos 69,1% desses docentes com baixa DP, tendendo a apresentar respostas impessoais no trato com os alunos, tratando-os como objetos e assim tornado-se mais insensíveis com as pessoas, levando a crer que o trabalho o está endurecendo emocionalmente por se importarem cada vez menos com o que acontece com algum aluno. Quanto à Realização Profissional, tem-se 15,4% de professores com baixa RP, demonstrando ter sentimentos negativos relacionados ao seu nível de capacidade e sucessos que podem ser alcançados no trabalho com os alunos. Estes professores podem estar enfrentando dificuldade em influenciar positivamente a vida de outras pessoas através do seu trabalho, e encontrando obstáculos para criar uma atmosfera com seus alunos, portanto, não atingindo seus objetivos no trabalho.

De acordo com Maslach (1986) e Cândido e Souza (2017) é possível determinar a gravidade de *Burnout* dos docentes pesquisados em função do número de dimensões afetadas (EE alta, DP alta ou RP baixa). Neste sentido, 30,9% dos sujeitos pesquisados apresentam-se atingidos em uma única dimensão (gravidade fraca), considerada uma fase de aviso, onde os primeiros sinais são de natureza emocional, 10,4% afetados em duas dimensões (gravidade moderada), fase esta onde os sintomas da primeira fase se agravam e trazem consigo outros sintomas físicos, emocionais e comportamentais, e 0,3% afetados em 3 dimensões (gravidade severa), fase final onde já há a consolidação da Síndrome de *Burnout*, com maior severidade de sintomas, sendo que a ocorrência destes sintomas se dá em função de existir atualmente no trabalho docente aspectos potencialmente estressores gerando consequências negativas individuais, profissionais, familiares e sociais, como afirma Benevides-Pereira. (2003).

Portanto, em relação à sintomatologia, verifica-se que a incidência de *Burnout* está muito associada à presença de dores de cabeça, visto que 56,9% dos docentes com *Burnout* apresentam este sintoma. Da mesma forma, docentes afetados pela síndrome também demonstram ter cansaço intenso, irritação, impaciência, distúrbios do sono, desânimo, incapacidade de relaxar e dores musculares no pescoço, ombro e dorso, estando estes sintomas associados à prevalência de *Burnout*, ou seja, diante da incidência de *Burnout* é mais recorrente a presença desses sintomas.

Estes resultados encontrados são validados por Garcia et al. (2003), que indica que professores em *Burnout* sentem-se emocional e fisicamente exaustos, estão frequentemente irritados, sendo que estes sentimentos podem levá-los a sintomas psicossomáticos como distúrbios do sono e dores de cabeça. Alguns estudos de Codo (1999) também destacam o cansaço intenso e os distúrbios do sono como sintomas decorrentes do *Burnout*. Levando em consideração a sintomatologia da Síndrome de *Burnout*, Codo e Gazzotti (2002) afirmam que os principais sintomas manifestados são dores de cabeça, dores nas costas, impaciência e cansaço intenso. Estes resultados são corroborados pela pesquisa de Trindade et al. (2010), no qual os sintomas emocionais e comportamentais mais indicados pelos docentes afetados por *Burnout* foram a impaciência e o desânimo tal qual os sintomas físicos, como problemas musculares e de coluna e cansaço constante e intenso. Também há os estudos de Cândido e Souza (2017) que apresentam os sintomas entendidos através das fases de gravidade de *Burnout*. A fase de aviso é classificada como gravidade fraca em *Burnout*, onde os primeiros sinais são de natureza emocional como desânimo e fadiga emocional. Já na fase de gravidade moderada em *Burnout* os sintomas da primeira fase se agravam e trazem consigo outros sintomas físicos, emocionais e comportamentais como distúrbios do sono, dores de cabeça, dores musculares, fadiga física, irritabilidade. Por fim, na fase da consolidação onde *Burnout* já está em gravidade severa, vivenciam sintomas como fadiga emocional e física, dores de cabeça, pensamentos rígidos. Estes sintomas custam caro, tanto para o indivíduo com seu desgaste pessoal, como para a instituição, com consequente perda da qualidade, produtividade e com a redução de seus recursos financeiros, interferindo diretamente no ambiente educacional e na obtenção dos objetivos pedagógicos.

Verifica-se ainda a existência de associações significativas entre a presença de *Burnout* em relação ao sexo, havendo uma maior proporção da presença da Síndrome de *Burnout* entre as mulheres, visto que 49% das mulheres apresentam *Burnout*, enquanto apenas 32,9% dos homens estão afetados, estando, portanto, as mulheres mais propensas ao surgimento da síndrome por serem mais atingidas. Identificam-se também associações entre *Burnout* e grau de escolaridade, existindo maior prevalência de *Burnout* entre os docentes com menor escolaridade, demonstrando que quanto menor a escolaridade, mais propensos os docentes à síndrome, ou seja, verifica-se uma diminuição na incidência de *Burnout* conforme há um aumento no nível de escolaridade.

Também foram identificadas associações significativas entre a classificação de saúde e *Burnout*, sendo que quanto pior sua percepção sobre sua saúde, maior é a prevalência de *Burnout*. Dessa forma, quanto maior a prevalência de *Burnout* menos favorável é a avaliação do docente em relação a sua saúde, visto que 100% daqueles que classificaram sua saúde como péssima apresentam *Burnout*. Importante ressaltar que como este professor se classifica em relação à sua saúde é subjetivo, porém os dados apontam que há essa convergência. Associação significativa também foi observada em relação ao afastamento do trabalho com a presença de *Burnout*. Neste sentido, docentes que apresentaram afastamento no último ano tem maior incidência de *Burnout* em relação àqueles que não estiveram afastados, sendo possível afirmar que a síndrome de *Burnout* influencia o número de afastamentos do trabalho.

Portanto, estes resultados corroboram os estudos de Carlotto e Palazzo (2006), ao relatar que o *Burnout* ocorre quando certos recursos pessoais são perdidos ou inadequados para lidar com as demandas que lhes são feitas no contexto do trabalho, ou quando não produzem os resultados esperados, ou seja, quando faltam estratégias de enfrentamento, sendo que este desgaste reflete na queda na qualidade e quantidade de trabalho produzido em função do desencadeamento de sintomas emocionais, físicos e comportamentais relacionados à Síndrome *Burnout*.

Acredita-se que o constructo da autoeficácia possa atuar no fortalecimento das estratégias de enfrentamento criando possibilidades que diminuam a incidência de *Burnout* nos docentes. Dessa forma, avalia-se a autoeficácia desses professores do ensino superior, entendendo o seu papel como

fundamental no ao êxito pessoal e profissional, visto que quando Costa (2003) fala da autoeficácia, refere-se à capacidade do ser humano em acreditar de maneira efetiva nas suas potencialidades, sendo que, mais especificamente, Ferreira e Azzi (2010) conceituam a autoeficácia docente como a crença dos professores em suas próprias capacidades de desempenhar atividades docentes que os levem a atingir os resultados esperados. Neste estudo observa-se que 44,2% dos sujeitos possuem autoeficácia alta, 53,4% média autoeficácia e 2,4% autoeficácia baixa docente. Segundo Bzuneck (2000), professores com percepções baixas de autoeficácia tendem a evitar atividades e até de planejá-las, quando a considera acima de suas capacidades, sendo menos persistentes no trato com alunos portadores de dificuldades e mostrando-se menos dispostos a inovações. Porém estes resultados revelam que poucos docentes percebem suas crenças enfraquecidas, tendo a maioria dos docentes pesquisados avaliados como altas ou médias, estando seguros de suas potencialidades e capacidades no que se refere à atividade docente. Mesmo resultado foi encontrado por Rocha (2009) que pode constatar no seu estudo que os participantes apresentaram altas tendências nas crenças de autoeficácia, na dimensão de intencionalidade da ação docente e na dimensão de manejo de classe.

Dentro das dimensões de autoeficácia pesquisadas neste estudo, apenas 2,3% dos sujeitos possuem baixa Intencionalidade da Ação, encontrando dificuldades em acreditar que são capazes de motivar seus alunos e mobilizar o estudante para a realização das atividades. Em contrapartida, a maioria dos docentes sente que pode ajudar os seus alunos a dar valor a aprendizagem, encorajando a sua criatividade, fazendo-o pensar criticamente, acalmando aqueles que perturbadores ou barulhentos, tendo desta forma domínio da sala e conseguindo evitar que alguns estudantes problemas arruinem uma aula inteira ao implementar estratégias alternativas em sua aula. Isso pode estar representando que, para o grupo investigado, parece haver mais segurança em se julgar capaz na direção de ações que reforcem o papel mediador do professor. O mesmo resultado pode ser visto no baixo Manejo de Classe (2,8%) apresentado pelos docentes, revelando que para estes é aparente as dificuldades em lidar e gerenciar os múltiplos aspectos do cotidiano da aula e controlar a disciplina em sala de aula. Porém a maior parte crê ser capaz de lidar com os alunos mais difíceis, assim como responder a um aluno desafiador e controlar comportamentos perturbadores na aula,

deixando claras as expectativas em relação ao comportamento desses alunos, estabelecendo assim rotinas para que as atividades aconteçam de forma tranquila, fazendo com que os alunos sigam as regras, além de providenciar desafios apropriados para a aula.

Foram verificadas também associações significativas entre a classificação de saúde e a percepção da Autoeficácia, visto que quem tem a autoeficácia mais elevada se percebe com a saúde boa ou ótima, ao passo que 100% dos que consideram sua saúde péssima apresentam baixa autoeficácia. Como já dito anteriormente, a forma como este docente se classifica em relação à sua saúde é subjetivo, porém a associação é confirmada a partir da análise dos dados. Em relação às associações sintomatológicas com as demais categorias estudadas, verifica-se que cansaço intenso, distúrbios do sono e desânimo estão relacionados com a percepção da Autoeficácia, ou seja, quanto menor a autoeficácia percebida, maior a prevalência destes sintomas, sendo que ao se fortalecerem as crenças percebe-se uma diminuição nos sintomas. Neste sentido é possível constatar que 87,5% dos docentes com baixa autoeficácia apresentam cansaço e desânimo, e 75% distúrbios do sono.

Dessa forma, este estudo partiu da hipótese de que as crenças disfuncionais de Autoeficácia poderiam potencializar os sintomas da Síndrome de *Burnout* em professores provocando adoecimento e comprometimento do desempenho, ou seja, pretendeu verificar se docentes que apresentam crenças percebidas de baixa autoeficácia são mais propensos ao *Burnout*, enquanto os com alta autoeficácia estariam mais imunes e se manteriam sadios por mais tempo. Os resultados apontam para associações significativas entre a presença de *Burnout* e a Autoeficácia, visto que entre os docentes que apresentam *Burnout*, 87,5% tem autoeficácia baixa, ao passo que entre aqueles que apresentam autoeficácia média e alta, a prevalência de *Burnout* cai pra 40,5% em cada.

Sendo assim, pode-se afirmar que quanto menor a Autoeficácia percebida, maior a presença de *Burnout*. Estes constructos se associam, visto que quando uma deles está alta, a outra está baixa, ou seja, quando se tem alta incidência de *Burnout* percebe-se que há uma baixa Autoeficácia percebida, ao passo que quando as crenças de Autoeficácia estão fortalecidas há uma menor prevalência de *Burnout*.

Também foi possível verificar, de maneira geral, uma moderada correlação entre *Burnout* e Autoeficácia Docente, sendo esta correlação inversa de nível moderado em relação à Exaustão Emocional, indicando que quando aumenta a EE, diminui a Intencionalidade da Ação e Manejo de Classe, ou seja, na medida em que o professor se sente emocionalmente drenado e esgotado com o seu trabalho, fatigado ao imaginar outro dia de trabalho, principalmente pela tensão em trabalhar diretamente com pessoas todos os dias, estando frustrado em relação ao seu trabalho, ele tende a apresentar dificuldades em lidar com um aluno que é perturbador ou barulhento, muitas vezes não conseguindo evitar que interfiram na aula, podendo perder então o controle da disciplina em sala.

O mesmo pode ser visto em relação à Despersonalização, com correlação inversa moderada para Intencionalidade da Ação e Manejo de Classe, indicando que quando aumenta a DP, diminui a Intencionalidade da Ação e Manejo de Classe, ou seja, conforme o professor tende a apresentar respostas impessoais, demonstrando estar endurecido emocionalmente e insensível com as pessoas, não se importando com o que acontece com algum aluno, este encontrará dificuldades para compreender um aluno que está fracassando, não auxiliando seus alunos a pensar criticamente, tendo dificuldades pra motivar aqueles com baixo interesse na atividade e encorajar a criatividade dos alunos.

Já em relação à Realização Profissional, é possível verificar que estão na mesma direção, ou seja, quando diminui a RP, diminui também a Intencionalidade da Ação e Manejo de Classe. Portanto, uma vez que o professor demonstra dificuldade para lidar efetivamente com os problemas dos seus alunos, assim como entender como eles se sentem sobre as coisas, não se percebendo capaz de influenciar positivamente a vida de outras pessoas através do seu trabalho, este tende a recuar ao programar estratégias alternativas em sua aula, não providenciando desafios apropriados à disciplina e não conseguindo estabelecer rotinas para manter as atividades acontecendo de forma tranquila, tendo dificuldade com que os alunos sigam as regras da aula.

Diversos estudos confirmam os resultados obtidos nesta pesquisa, como o de Silva, laochite e Azzi (2010), que apontam como consequência da baixa autoeficácia percebida o aumento da exaustão emocional, da despersonalização e da sensação de falta de realização pessoal. Também corroboram os achados de Ferreira e Azzi (2011), que assinalam haver correlação negativa significativa entre a

presença de *Burnout* e autoeficácia percebida. Ferreira e Azzi (2010) também apresentam o estudo de Albert (2007) onde encontrou correlações inversas e significativas entre os dois construtos, afirmando que a autoeficácia percebida pode auxiliar na resolução de questões desafiadoras e estressantes entre professores e alunos. Os estudos de Costa (2003) reforçam ainda que a percepção de autoeficácia geral e específica de professores, bem como a atitude proativa elevada parece funcionar como antídoto para o *Burnout* através do fortalecimento das crenças de Autoeficácia.

Portanto, tais achados apontam para o reconhecimento das interferências das crenças de autoeficácia no trabalho docente e possível adoecimento, podendo considerar a crença de autoeficácia docente como explicativa ao desenvolvimento de *Burnout* nos professores investigados, revelando portanto a importância de intervenções que contemplem o desenvolvimento da autoeficácia em professores como medida de prevenção e reabilitação da Síndrome de *Burnout*.

Considerações Finais

Partindo dos propósitos deste estudo, pode-se constatar que há uma grande incidência da Síndrome de *Burnout* nos docentes do ensino superior, dado que se revela extremamente significativo e preocupante visto a severidade dos sintomas e as consequências à vida pessoal e profissional deste professor, bem como os reflexos dessa síndrome no cenário educacional.

Verificou-se que a Síndrome de *Burnout* afeta em maior proporção as mulheres e docentes com menor escolaridade, sendo que quanto mais afetado pela síndrome este professor estiver, pior ele percebe sua saúde, refletindo diretamente no aumento de afastamento do trabalho por doença, pois os professores com prevalência de *Burnout* apresentam maior cansaço, distúrbios do sono, dores de cabeça e dores musculares no pescoço, ombro e dorso, assim como maior incapacidade de relaxar, além de demonstrarem grande desânimo, impaciência e irritação.

Considera-se o fortalecimento das crenças de autoeficácia como uma possibilidade de diminuir a incidência dos sintomas de *Burnout* nestes docentes. Estes, no entanto, apresentaram altos índices de autoeficácia, demonstrando acreditarem na sua capacidade de realização no exercício do seu trabalho docente,

visto que quem tem a autoeficácia mais elevada se percebe com a saúde em melhores condições. Porém verificou-se que cansaço intenso, distúrbios do sono e desânimo estão relacionados com a percepção da Autoeficácia, ou seja, quanto menor a autoeficácia percebida, maior a prevalência destes sintomas, sendo que ao se fortalecerem as crenças percebe-se uma diminuição nos sintomas associados.

Percebe-se, portanto, que estes professores tem grande incidência de *Burnout* e de sintomas, porém percebem-se com crenças fortalecidas, sendo que foi possível determinar haver associações significativas entre a presença de *Burnout* e a Autoeficácia, assim como correlações inversas moderadas entre a Autoeficácia docente e *Burnout*, indicando que quanto menor a autoeficácia percebida, maior a propensão ao *Burnout*.

Neste sentido, sugerem-se apontamentos para novos estudos e pesquisas futuras sobre a temática, a fim de que atuais pesquisas e instrumentos validem os resultados da percepção das crenças refletidas na sua prática, ou seja, há a necessidade de verificar se os dados que se revelam na escala são os mesmos que se realizam na atividade profissional através do seu engajamento e desempenho, e que estes estudos possam explorar além dos sintomas, mas as condições e significado do trabalho, visando assim buscar entendimento para o fato de essas crenças serem tão fortalecidas apesar da alta incidência de *Burnout* e de sintomas, visto que o presente estudo tem limitações, porém a alta incidência encontrada na amostra se reflete numa justificativa pra tais pesquisas futuras.

Sendo assim, espera-se que estudos com essa finalidade possam contribuir com explicações que favoreçam o reconhecimento das interferências das crenças de autoeficácia no trabalho docente e possível adoecimento, a fim de desenvolver programas que atuem na prevenção e enfrentamento, através de intervenções que contemplem o desenvolvimento da autoeficácia em professores como medida de prevenção ou reabilitação da Síndrome de *Burnout*, evitando dessa forma que o *Burnout* prevaleça nos docentes, diminuindo assim a severidade dos sintomas e os impactos na saúde do docente e no ensino em geral.

Ressalta-se por fim o reconhecimento do papel do professor como agente transformador na educação, visto que ele é peça fundamental para que se possa alcançar um ensino de qualidade, sendo, portanto, merecedor de todo nosso respeito, principalmente ao reconhecer que muitas vezes está refém de condições de trabalho precárias, além de pertencer a um sistema escolar perverso que o

adoece, visto que a valorização da profissão docente é uma responsabilidade de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBERT, R. L. **The impact of self-efficacy and autonomous learning on teacher burnout. Requirements of the doctor degree in education.** Regent University, United States, 2007.

BARROS et al. **Análise de dados em saúde.** Londrina – PR: Midograf, 2012.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. O Estado da Arte do Burnout no Brasil. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 4-11, ago. 2003.

BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: SISTO, F.; OLIVEIRA, G. C.; FINI, L. D. T. (org). **Leituras de psicologia para formação de professores.** Petrópolis: Vozes, 2000, p. 117-134.

CÂNDIDO, J; SOUZA, L. R. Síndrome de *Burnout*: as novas formas de trabalho que adoecem. **Psicologia.pt**. jan. 2017.

CARLOTTO, M. S. et al. O papel mediador da autoeficácia na relação entre a sobrecarga de trabalho e as dimensões de *Burnout* em professores. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 1, p. 13-23, abr. 2015.

_____, M. S.; PALAZZO, L. S. Síndrome de *Burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p.1017-1026, maio 2006.

CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho.** Petrópolis - RJ: Vozes, 1999.

CODO, W. GAZZOTTI, A. A. Laboratório de Psicologia do Trabalho. **Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação** - Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2002.

COSTA, A. E. B. Auto-Eficácia e *Burnout*. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, Maringá, v. 1, n.1, p. 34-67, ago. 2003.

FERREIRA, L. C. M. et. al. **Relação entre a crença de auto-eficácia docente e a síndrome de *Burnout* em professores do ensino médio.** 2011. 191f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

_____. **Crenças de autoeficácia docente, satisfação com o trabalho e adoecimento.** *Psicologia, Ensino & Formação*, Brasília, v. 5, n. 2, p. 19-37, 2014.

FERREIRA, L. C. M.; AZZI, R. G. Docência, *Burnout* e considerações da teoria da auto-eficácia. **Psicologia, Ensino & Formação**, Brasília, v.1, n.2, p.23-34, abr. 2010.

_____. *Burnout* do professor e crenças de auto-eficácia. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 26, p. 179 –191, jul/ dez. 2011.

_____. **Relação entre a crença de autoeficácia docente e a síndrome de *Burnout* em professores do ensino médio**. 2011. 166f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

GARCIA, L. P. et al. Investigando o *Burnout* em Professores Universitários. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, v. 1, n. 1, p. 76-89, ago. 2003.

HOCHMAN, B. et al . Desenhos de pesquisa. **Acta Cir. Bras.**, São Paulo, v. 20, supl. 2, p. 2-9, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-86502005000800002>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

LOPES, A. P.; PONTES, E. A. S. Síndrome de *Burnout*: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 13, n. 2, p. 275-281 jul./dez. 2009.

MASLACH, C. **Maslach *Burnout* Inventory**. 2nd Ed. Palo Alto: Consulting Psychologist Press, 1986.

POLYDORO, S.; WINSTERSTEIN, P. J.; AZZI, R. G.; DO CARMO, A. P.; VENDITTI JR, R. Escala de auto-eficácia do professor de Educação Física. In: MACHADO, C.; ALMEIDA, L. S.; GONÇALVES, M.; RAMALHO (orgs). **Avaliação Psicológica: formas e contextos**. Braga: Psiquilíbrios, 2004. p. 330-337.

ROCHA, M. S. A. **Auto eficácia Docente no Ensino Superior**. 2009. 210f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP.

SILVA, A. J; IAOCHITE, R. T.; AZZI, R. G. Crenças de autoeficácia de licenciandos em Educação Física. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 942-949, dez. 2010.

TRINDADE, L. L. et al. Estresse e síndrome de *Burnout* entre trabalhadores da equipe de Saúde da Família. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 5, p. 684-689, set./out. 2010.

VÍCTORA, C. G.; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M. N. A.: Pesquisa Qualitativa em Saúde – Uma Introdução ao Tema. In: **Metodologias Qualitativa e Quantitativa**. Tomo Editorial, 2000. Cap. 3, p. 33-44.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo veio em busca de atualização dos resultados sobre a Síndrome de *Burnout* e a Autoeficácia docente em relação aos demais estudos já realizados, através da procura de variáveis explicativas à incidência de *Burnout* e à Autoeficácia baixa, ampliando assim as análises não contempladas nas investigações anteriormente realizadas. Não houve o intuito de revolucionar os achados científicos, mas sim de reforçar o alerta de que os professores estão de fato adoecendo em função da sua atividade profissional, inclusive professores universitários, até então considerados imunes por gozar de um status maior em relação aos demais níveis educacionais.

Aproximadamente um a cada dois professores está afetado pela Síndrome de *Burnout*, esgotados física e mentalmente, pouco realizados em sua profissão, atingindo principalmente as mulheres e docentes com menor escolaridade. A Síndrome de *Burnout* é caracterizada como um estresse ocupacional, de caráter exclusivamente laboral que acomete profissionais de forma contínua, sendo um fenômeno complexo resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho, relevante por sua severidade e dimensões afetadas, refletindo diretamente no número de afastamento do trabalho por doença devido às consequências físicas, comportamentais e emocionais, visto que professores com prevalência de *Burnout* apresentam maior cansaço, distúrbios do sono, dores de cabeça e dores musculares no pescoço, ombro e dorso, assim como maior incapacidade de relaxar, além de demonstrarem grande desânimo, impaciência e irritação.

Porém os estudos sobre *Burnout* desde 2010 não apresentam atualização que represente mudança significativa nos resultados dos trabalhos, sendo que a maioria das pesquisas realizadas se propôs verificar a incidência da Síndrome de *Burnout* nos docentes, refletindo uma limitação desses trabalhos e representando uma urgência em novas pesquisas sobre a temática, além de revelar um momento de ascensão para as pesquisas neste campo. Também são visíveis as limitações nestes estudos devido ao uso de escalas internacionais na avaliação da incidência de *Burnout*, recomendando-se a criação e validação de uma escala nacional para medir a incidência de *Burnout* que considere a realidade brasileira dos professores.

Muitos estudos buscaram levantar as causas da Síndrome de *Burnout* correlacionando-a a outros constructos e variáveis, como a Autoeficácia docente, investigada ainda em número inexpressivo frente à sua importância na manutenção e no engajamento de programas protetores da saúde e na melhoria do desempenho e das realizações pessoais e laborais, visto que foi encontrado apenas um estudo investigando as implicações da autoeficácia no adoecimento docente, sendo que cansaço intenso, distúrbios do sono e desânimo estão relacionados com a percepção da Autoeficácia, ou seja, quanto menor a autoeficácia percebida, maior a prevalência destes sintomas.

A cada dez professores com baixa autoeficácia, aproximadamente nove apresentam Síndrome de *Burnout*. Neste sentido, associações significativas entre a presença de *Burnout* e a Autoeficácia indicam que quanto menor a autoeficácia percebida, maior a propensão ao *Burnout*, ressaltando a relevância na promoção da autoeficácia docente, especialmente quando se discute seu papel na prevenção ou intervenção na saúde do professor.

Portanto, há a necessidade de novos estudos e discussões sobre a autoeficácia no contexto acadêmico, pois a temática ainda é pouco explorada principalmente no nível superior, a fim de melhor compreender o papel das crenças de autoeficácia nos ambientes educacionais por se tratar de um construto de alto poder explicativo para sucessos e fracassos educacionais. Neste sentido, fica o alerta para que estes estudos enfoquem outros elementos constituintes do contexto educacional necessários para melhor compreender o papel das crenças de autoeficácia nos ambientes educacionais.

Sendo assim, ao se identificar os fatores relacionados à incidência *Burnout* é possível desenvolver programas de prevenção e enfrentamento, diminuindo sua prevalência entre os docentes e ver reduzida a severidade dos sintomas e os impactos na saúde do docente e no ensino em geral, reconhecendo as interferências das crenças de autoeficácia no trabalho docente e considerando-a como um importante antídoto à Síndrome de *Burnout*.

ANEXO A - MBI - Maslach *Burnout* Inventory (1986) – forma ED – professores

A seguir, há 22 afirmativas relacionadas com o sentimento em relação ao trabalho. Por favor, leia com atenção cada uma das afirmativas e decida se você já sentiu deste modo em seu trabalho.

Se você nunca teve estes sentimentos, escreva um “0” (zero) no espaço antes da afirmativa. Se você já teve este sentimento, indique com que frequência você o sente, escrevendo o número (de 1 a 6) que melhor descreve com que frequência você se sente dessa maneira.

Exemplo:

Frequência	0	1	2	3	4	5	6
	Nunca	Algumas vezes, ao ano ou menos	Uma vez ao mês ou menos	Algumas vezes durante o mês	Uma vez por semana	Algumas vezes durante a semana	Todo dia

Frequência

Declaração:

(0 - 6)

Eu me sinto frustrado / deprimido no trabalho.

Se você nunca sentiu frustração / depressão no trabalho, escreva o número “0” (zero) sob a coluna “frequência”.

Se você, raramente, sente-se frustrado / deprimido no trabalho (poucas vezes por ano, ou menos), escreva o número “1”.

Se seus sentimentos de frustração / depressão são razoavelmente frequentes (poucas vezes por semana, porém não diariamente), escreva “5”.

ANEXO B - Escala De Autoeficácia Do Professor (Polydoro, Winterstein, Azzi, Carmo e Venditti Junior, 2004)

Este instrumento foi desenvolvido para nos ajudar a obter um melhor conhecimento sobre a sua percepção a respeito da tarefa de ensinar no contexto da educação superior.

Por favor, indique sua opinião sobre cada um dos itens abaixo.

Marque sua resposta em uma escala de 1 a 6, representando um contínuo entre pouco e muito.

Considere, para responder o questionário, sua prática profissional como docente no ensino superior, seu público alvo e a realidade que vivencia na(s) instituição(ões) que trabalha.

Não há respostas certas ou erradas. Suas respostas são confidenciais.

Questões	1- Pouco	2	3	4	5	6- Muito
1. Quanto você pode fazer para lidar com os alunos(as) mais difíceis?						
2. Quanto você pode fazer para ajudar seus alunos(as) a pensar criticamente?						
3. Quanto você pode fazer para controlar comportamentos perturbadores na aula?						
4. Quanto você pode fazer para motivar alunos(as) que demonstram baixo interesse na atividade?						
5. Até que ponto você pode fazer com que suas expectativas sejam claras em relação ao comportamento do aluno(a)?						
6. Quanto você pode fazer com que os alunos(as) acreditem que podem realizar bem as suas atividades?						
7. Quão bem você pode responder a questões difíceis feitas pelos seus alunos(as)?						
8. Quão bem você pode estabelecer rotinas para manter as atividades acontecendo de forma tranquila?						
9. Quanto você pode ajudar os seus alunos(as) a dar valor a aprendizagem?						
10. Quanto você pode avaliar a compreensão dos seus alunos(as) sobre o que ensinou?						
11. Até que ponto você pode criar boas questões para seus alunos(as)?						
12. Quanto você pode fazer para encorajar a criatividade dos alunos(as)?						
13. Quanto você pode fazer para que os alunos(as) sigam as regras da aula?						
14. Quanto você pode fazer para melhorar a compreensão de um aluno(a) que está fracassando?						
15. Quanto você pode fazer para acalmar um aluno(a) que é perturbador(a) ou barulhento(a)?						

16. Quão bem você pode estabelecer um sistema de gerenciamento de aula com cada grupo de alunos(as)?						
17. Quanto você pode fazer para ajustar as suas atividades ao apropriado nível individual dos alunos(as)?						
18. Quanto você pode utilizar uma variedade de estratégias para avaliação?						
19. Quão bem você pode evitar que alguns estudantes problemas arruinem uma aula inteira?						
20. Até que ponto você pode propor uma explicação ou exemplo alternativo quando os alunos(as) estão confusos?						
21. Quão bem você pode responder a um aluno desafiador?						
22. Caso fosse possível, quanto você pode orientar os pais a ajudar os filhos a realizarem bem as atividades acadêmicas?						
23. Quão bem você pode implementar estratégias alternativas em sua aula?						
24. Quão bem você pode providenciar desafios apropriados para alunos(as) muito capazes ?						

APÊNDICE A - Questionário de Caracterização Sociodemográfico e Saúde

Sexo

- masculino
 feminino

Faixa etária

- de 20 a 30 anos
 de 31 a 40 anos
 de 41 a 50 anos
 de 51 a 60 anos
 a partir de 61 anos

Estado civil

- solteiro(a)
 casado(a)
 divorciado(a)
 viúvo(a)
 outros _____

Filhos

- sim
 não

Definição da cor (classificação usada pelo IBGE)

- branca
 negra
 parda
 amarela
 indígena

Necessidade especial

- não
 sim, de ordem física
 sim, de ordem visual
 sim, de ordem auditiva
 sim, de ordem mental

Grau de escolaridade

- ensino superior
 pós-graduação/especialização
 mestrado
 doutorado
 pós-doutorado

Área de formação

- Biológicas
 Exatas
 Humanas

Atuação na docência

- Instituição Pública
 Instituição Privada
 Ambas

Tempo na docência

- menos de 6 meses
 de 6 meses a 5 anos
 de 5 anos a 10 anos

mais de 10 anos

Número de aulas/semana

menos de 6 aulas

8 aulas a 12 aulas

14 aulas a 20 aulas

22 aulas a 30 aulas

32 aulas a 40 aulas

mais de 40 aulas

Possui outra atividade remunerada além da docência?

Sim

Não

Jornada diária de trabalho total (em todas as ocupações)

até 4 horas/dia

de 5 a 8 horas/dia

de 9 a 12 horas/dia

mais de 12 horas/dia

Expectativas profissionais para os próximos 5 anos

continuar na docência

abandonar a docência

não sei dizer

Como classifica sua atual situação de saúde?

ótima

boa

regular

ruim

péssima

Qual sua frequência de atividade física/esportes?

nunca ou raramente

1 a 3 vezes na semana

mais de 3 vezes na semana

Possui alguma atividade de lazer?

semanalmente

mensalmente

nunca ou raramente

Esteve afastado do trabalho no último ano por motivo de doença?

sim

não

Quais sintomas abaixo você apresentou no último ano:

Físicos:

alergias

baixa resistência imunológica

cansaço intenso

cefaleias

crises de asma

diarreias

distúrbios do sono

dores de cabeça

dores de garganta

dores musculares no pescoço, ombro e dorso

enxaquecas,

gastrites e úlceras

- hipertensão
- insônia
- maior frequência de infecções
- resfriados
- palpitações
- perturbações gastrointestinais
- rouquidão
- sensação de fadiga constante e progressiva
- suspensão do ciclo menstrual nas mulheres
- transtornos cardiovasculares
- diminuição da memória
- outros

Comportamentais:

- absenteísmo
- agressividade
- aumento do consumo de bebidas alcoólicas
- aumento do consumo de cigarros
- comportamento menos flexível
- incapacidade de relaxar
- Isolamento
- lentidão no desempenho das funções
- mudanças bruscas de humor
- perda de iniciativa
- perda de interesse pelo trabalho ou lazer
- uso de drogas
- violência
- perda do desejo sexual
- falta de atenção e concentração
- outros

Emocionais:

- ansiedade
- apatia
- atenção seletiva
- baixa auto-estima
- decréscimo do rendimento de trabalho
- delírios de perseguição
- depressão
- desânimo
- desconfiança
- desejo de abandonar o emprego
- dificuldade de concentração
- diminuição da capacidade de tomar decisões
- distanciamento afetivo
- dúvidas de sua própria capacidade
- hostilidade
- ideias fantasiosa
- impaciência
- irritação
- ironia
- negação das emoções
- perda de entusiasmo e alegria
- pessimismo
- sentimento de alienação
- sentimento de impotência
- sentimento de solidão
- outros